



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE/DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM ENFERMAGEM**

SAYONNARA FERREIRA MAIA

**PERFIL DOS EGRESSOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM DE
UMA UNIVERSIDADE FEDERAL**

**Teresina
2014**

SAYONNARA FERREIRA MAIA

**PERFIL DOS EGRESSOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM DE
UMA UNIVERSIDADE FEDERAL**

Relatório final de Dissertação apresentado à banca do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Benevina Maria Vilar
Teixeira Nunes

Área de concentração: Enfermagem no Contexto Social Brasileiro

Linha de pesquisa: Políticas e Práticas Socioeducativas em Enfermagem

**Teresina
2014**

SAYONNARA FERREIRA MAIA

**PERFIL DOS EGRESSOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM DE
UMA UNIVERSIDADE FEDERAL**

Relatório final de Dissertação apresentado à banca do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

Aprovada em: ____ de _____ de 2014.



Profa. Dra. Benevina Maria Vilar Teixeira Nunes - Presidente
Universidade Federal do Piauí - UFPI



Profa. Dra. Elizabeth Teixeira – 1ª Examinadora
Universidade Estadual do Pará – UEPA



Profa. Dra. Elaine Maria Leite Rangel Andrade – 2ª Examinadora
Universidade Federal do Piauí - UFPI

Profa. Dra. Ana Maria Ribeiro dos Santos – Suplente
Universidade Federal do Piauí – UFPI

A minha família, pela presença nos momentos bons e ruins, me apoiando sempre.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora, Dra. Benevina Maria Vilar Teixeira Nunes, pela dedicação, paciência, por compartilhar comigo sua sabedoria e por ser um exemplo como profissional.

Às professoras examinadoras, Dra. Elizabeth Teixeira, Dra. Elaine Maria Leite Rangel Andrade e Dra. Ana Maria Ribeiro dos Santos, pela atenção e valiosas contribuições ao meu trabalho.

À Universidade Federal do Piauí (UFPI), na pessoa do Magnífico Reitor Prof. Prof. Dr. José Arimatéa Dantas Lopes, por proporcionar meu aprimoramento profissional com qualidade inquestionável.

À Profa. Dra. Inez Sampaio Nery, coordenadora do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Enfermagem, por atuar com responsabilidade e incentivo, à frente da coordenação do Programa.

Ao meu irmão, Prof. Dr. Sidclay Maia, pois me incentivou a entrar no mestrado e acreditou na minha capacidade, e ainda contribuiu em algumas etapas desse estudo.

À Layze Braz, acadêmica do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí, pois ofereceu seu precioso tempo para me ajudar na coleta de dados, e conseguiu identificar e localizar alguns egressos.

Aos egressos do CGE/UFPI que participaram da pesquisa, por disponibilizarem também um pouco do seu tempo para contribuir com este estudo.

Agradeço aos colegas da turma do Mestrado em Enfermagem da UFPI, pois representaram para mim uma verdadeira família, pois me apoiaram e me ajudaram nos momentos difíceis, e compartilharam comigo muitos momentos felizes.

“O caminho para a excelência não tem
linha de chegada.”

(David Rye)

RESUMO

O levantamento de informações sobre a realidade dos egressos proporciona reflexão sobre o processo de formação em enfermagem e contribui para aperfeiçoar estratégias pedagógicas de formação profissional. Este estudo, realizado com 104 egressos de enfermagem do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí (CGE/UFPI), formados de 2009 a 2011, trata-se de pesquisa descritiva, transversal, com objetivo de caracterizar o perfil dos egressos em relação aos aspectos socioeconômicos, demográficos, formação, atuação e realização profissional. Coletaram-se os dados de maio a setembro de 2013, por meio da aplicação de questionário. Para a análise estatística utilizou-se o aplicativo *Statistical Package for the Social Science*, versão 18.0. Para verificar diferenças entre duas médias foi utilizado o teste de *Mann-Whitney*, e para correlacionar as variáveis, usou-se a correlação de *Spearman*. Para verificar associação entre as variáveis qualitativas foi utilizado o qui-quadrado de *Pearson* (χ^2). Em todas as análises foi utilizado o nível de significância de 5%. A amostra compôs-se de maioria jovem, feminina, solteira, sem filhos, residentes em Teresina, com renda média mensal de R\$ 3.409,80. A maioria realizou atividades complementares durante a graduação, fez ou estava fazendo cursos de pós-graduação e estava trabalhando como enfermeiro. Dentre esses, 62% possuíam apenas um emprego, 57% já haviam passado por dois a quatro empregos desde a formação, e 46,4% dos vínculos empregatícios foram na área hospitalar. Grande parte atuava predominantemente na assistência e 65,8% afirmaram executar a Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE), porém não realizavam todas as etapas. As atividades em equipe multiprofissional eram realizadas por 65,8% dos egressos, e 60,8% não participavam de nenhuma entidade de classe. As maiores contribuições do CGE/UFPI foram atribuídas às competências “Aprender por iniciativa própria” e “Respeitar os princípios éticos e legais”. As menores contribuições foram apontadas nas habilidades “Atuar na gerência de enfermagem” e “Participar de entidades de classe”. Houve associação estatisticamente significativa entre as variáveis ‘área de atuação hospitalar’ e ‘realização da SAE’, ‘participação em programas de iniciação científica’ e ‘realização de trabalho científico’, e ‘contribuição do curso para atuar utilizando o processo de enfermagem/SAE’ e ‘realização da SAE’. O perfil caracterizado mostrou a maioria de enfermeiros jovens, do sexo feminino, em início de carreira. A maioria realizou educação continuada em cursos de especialização e menor quantidade em mestrado. Atuavam predominantemente na assistência, nas áreas hospitalar e de saúde pública. Grande parte realizava a sistematização da assistência de enfermagem, porém de forma incompleta. A participação em entidades de classe foi pouco expressiva, e alguns demonstraram sentimento de insatisfação com a profissão. Quanto às contribuições do Curso, não foram satisfatórias quanto às competências ‘atuar na gerência de enfermagem’ e ‘participar de entidades de classe’. Desta forma, propõem-se modificações no Projeto Pedagógico do CGE/UFPI, no tocante às competências relacionadas à consciência crítica e política do egresso e administração e gerência em enfermagem. Concluiu-se que a realização de estudos com os egressos deve ser feita periodicamente, para que seus resultados possibilitem reflexões, mudanças e/ou aperfeiçoamentos do currículo do Curso.

Palavras-chave: Educação em Enfermagem. Programas de Graduação em Enfermagem. Pesquisa em educação de enfermagem.

ABSTRACT

The gathered information about the reality of graduates provides reflection on the process of nursing education and contributes to improving teaching training strategies. This study, conducted with 104 nursing graduates of the Undergraduate in Nursing, from Federal University of Piauí (CGE/UFPI), trained from 2009 to 2011, is a descriptive and cross-sectional research, in order to characterize the profile of graduates in relation to socioeconomic, demographic, education, experience and professional achievement. We collected data from May to September 2013, through a questionnaire. For statistical analysis, we used the application Statistical Package for the Social Sciences, version 18.0. To see differences between two means, the Mann-Whitney test was used, and to correlate the variables used to de Spearman correlation. To assess the association between qualitative variables the chi-square test was used. In all analyzes, the significance level of 5% was used. The sample was composed of mostly young, female, single, no kids, living in Teresina, with an average monthly income of R\$ 3,409.80. Most complementary activities held during graduation did or was doing postgraduate degree and was working as a nurse. Among these, 62% had only one job, 57% had undergone two to four jobs since the formation and 46.4% of employment relationships were in the hospital area. Much acted predominantly on the tour, and 65.8% said they perform Nursing Care System (NCS), but did not perform all the steps. The multidisciplinary team activities were performed by 65.8% of the graduates, and 60.8% did not participate in any class entity. The major contributions of the course competencies were attributed to "learn on their own initiative" and "Respect the ethical and legal principles." Smaller contributions were highlighted in skills "Acting in nursing management" and "Attend class entities". There was a statistically significant association between the variables' area of hospital operations' and 'realization of NCS', 'participation in undergraduate research programs' and 'conducting scientific work ', and 'contribution of the course to act using the nursing process/NCS' and 'completion of NCS'. The featured profile showed predominance of young nurses, female and early career. Most of them held in continuing education courses and lower amount of expertise in master. They worked predominantly in care, the hospital and public health areas. Most of them accomplished the systematization of nursing care, however incompletely. The participation in professional associations was not significant, and showed some feeling of dissatisfaction with the profession. In relation to the contributions of Nursing graduation Course, were not satisfactory as regards the powers 'work in nursing management' and 'participate in associations'. Thus, we propose modifications to the pedagogical project of CGE/UFPI, related to the egress' critical concerns and administration and nursing management policy awareness skills. It was concluded that the studies with the graduates should be done periodically, so that their results allow reflections, changes and/or improvements of the Course curriculum.

Keywords: Nursing Education. Graduation Programs in Nursing. Research in nursing education.

RESUMEN

La información recopilada sobre la realidad de los graduados ofrece una reflexión sobre el proceso de la formación de enfermería y contribuye a mejorar las estrategias de enseñanza profesional. Este estudio, realizado con 104 licenciados de enfermería de la Graduación en Enfermería de la Universidad Federal de Piauí (CGE / UFPI) graduados entre 2009 y 2011, es del tipo descriptivo, transversal, con el fin de caracterizar el perfil de los graduados con relación a los aspectos socioeconómicos, demográficos, la educación, la experiencia en el trabajo, y realización profesional. Se recogieron los datos de mayo a septiembre de 2013, a través de un cuestionario. Para el análisis estadístico, se utilizó la aplicación Statistical Package for the Social Science, versión 18.0. Para ver las diferencias entre las dos medias, se utilizó la prueba de Mann-Whitney, y para correlacionar las variables se utilizó la correlación de Spearman. Para comprobar la asociación entre las variables cualitativas se utilizó el chi-cuadrado de Pearson (χ^2). En todos los análisis, se utilizó el nivel de significación de 5%. La muestra estaba compuesta en su mayoría de jóvenes, mujeres, solteras, sin hijos, viviendo en Teresina, con un ingreso promedio mensual de R \$ 3,409.80. La mayoría ha realizado actividades complementarias durante la graduación, hicieron o todavía hacen estudios de posgrado y trabajaba como enfermero. Entre éstos, el 62% tenían sólo un trabajo, el 57% había tenido entre tres y cuatro trabajos desde la graduación y el 46,4% de estos trabajos encuéntrase en el área hospitalaria. Muchos actuaban principalmente en la asistencia hospitalaria, y el 65,8% dijo realizar el Sistema de Asistencia de Enfermería (SAE), pero no realizó todos los pasos. Las actividades del equipo multidisciplinario se realizaron por el 65,8% de los graduados, y el 60,8% no participaron en ninguna entidad de clase. Las principales contribuciones de CGE / UFPI se atribuyeron a las competencias "aprender por su propia iniciativa" y "respetar los principios éticos y legales." Las contribuciones más pequeñas se destacan en competencias "Actuar en la gestión de enfermería" y "Participar de entidades de clase." Hubo una asociación estadísticamente significativa entre las variables 'zona de asistencia hospitalaria' y la "realización de SAE", "participación en programas de investigación de posgrado" y la "realización de trabajos científicos", y la "contribución del curso para utilización del proceso de enfermería / SAE " y "realización de SAE". El perfil caracterizado mostró la mayoría de los enfermeros jóvenes, mujeres, en inicio de carrera. La mayor parte hizo cursos de educación continua y posgrado y menor cantidad hizo maestría. Según los datos, trabajaron sobre todo en la atención hospitalaria, y de salud pública. Muchos de ellos realizaban la sistematización de la asistencia de enfermería, aunque de manera incompleta. La participación en asociaciones profesionales no fue significativa, y algunos expresaron un sentimiento de insatisfacción con la profesión. En cuanto a las contribuciones del curso, no fueron satisfactorias en cuanto a 'trabajar en la gestión de enfermería' y 'participar en las asociaciones profesionales ". Por lo tanto, se proponen modificaciones al proyecto pedagógico de CGE / UFPI, acerca de las habilidades relacionadas a conciencia crítica y políticas de los licenciados y de administración y la gestión de enfermería. Se concluyó que los estudios con los licenciados deben realizarse periódicamente, de modo que sus resultados permiten reflexiones, cambios y / o mejoras en el plan de estudios de la graduación.

Palabras clave: Educación en Enfermería. Programas de Licenciatura en Enfermería. La investigación en educación en enfermería.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Quadro 1** - Distribuição da quantidade de egressos do CGE/UFPI por ano de conclusão do curso. 35
- Figura 1** - Distribuição dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 segundo o ano de conclusão da graduação (n=104). Teresina-PI, 2013. 41
- Figura 2** - Distribuição dos profissionais citados pelos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 com os quais realizam atividades em equipe multiprofissional (n=79). Teresina-PI, 2013. 49
- Figura 3** - Distribuição dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 participantes da pesquisa quanto a estudar novamente na UFPI na pós-graduação (n=104). Teresina-PI, 2013. 54

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1** - Distribuição dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011, segundo as características sociodemográficas (n=104). Teresina-PI, 2013. 40
- Tabela 2** - Distribuição das atividades complementares dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 realizadas durante a graduação. (n=104). Teresina-PI, 2013. 42
- Tabela 3** - Distribuição dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 quanto à realização de pós-graduação e cursos de aperfeiçoamento (n=104). Teresina-PI, 2013. 42
- Tabela 4** - Distribuição dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 quanto à participação em eventos científicos (n=104). Teresina-PI, 2013. 43
- Tabela 5** - Distribuição das atividades de pesquisa realizadas pelos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 após a graduação (n=104). Teresina-PI, 2013. 44
- Tabela 6** - Distribuição dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 participantes da pesquisa quanto ao segundo curso de graduação em andamento (n=15). Teresina-PI, 2013. 44
- Tabela 7** - Distribuição dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 segundo a atividade profissional (n=104). Teresina-PI, 2013. 45
- Tabela 8** - Distribuição dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 segundo as outras atividades profissionais (n=14). Teresina-PI, 2013. 45
- Tabela 9** - Distribuição dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 segundo o número de empregos anteriores e atuais (n=79). Teresina-PI, 2013. 46
- Tabela 10** - Áreas de atuação profissional, local e tempo de permanência no emprego dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 que atuam/atuaram como enfermeiro (n=79). Teresina-PI, 2013. 46

Tabela 11 - Distribuição dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 quanto às atividades predominantes na atuação profissional (n=79). Teresina-PI, 2013.	47
Tabela 12 - Distribuição dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 quanto à realização da SAE (n=79). Teresina-PI, 2013.	48
Tabela 13 - Distribuição dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 quanto à realização de atividades em equipe multiprofissional e na comunidade (n=79). Teresina-PI, 2013.	48
Tabela 14 - Distribuição dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 quanto à associação a entidades de classe (n=79). Teresina-PI, 2013.	49
Tabela 15 - Distribuição dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 quanto aos métodos utilizados para sanar déficits de conhecimento no dia a dia (n=79). Teresina-PI, 2013.	50
Tabela 16 - Distribuição dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 quanto à opinião sobre a escolha e realização profissional como enfermeiro (n=104). Teresina-PI, 2013.	50
Tabela 17 - Distribuição dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 quanto ao motivo justificado para não ter acertado na escolha profissional e não se sentir realizado como enfermeiro (n= 79). Teresina-PI, 2013.	51
Tabela 18 - Contribuições do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 na opinião dos egressos participantes da pesquisa (n=104). Teresina-PI, 2013.	52
Tabela 19 - Respostas por categoria de contribuição ('nenhuma' a 'muito grande') do curso para as principais competências questionadas, na opinião dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 participantes da pesquisa (n=104). Teresina-PI, 2013.	52
Tabela 20 - Contribuições negativas do curso de graduação em enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 na opinião dos egressos participantes da pesquisa (n=104). Teresina-PI, 2013.	53
Tabela 21 - Associação entre as variáveis 'ano de conclusão da graduação' e 'trabalha como enfermeiro'.	54

Tabela 22 - Associação entre as variáveis 'realizou trabalho científico' e 'participou de programas de iniciação científica'.	55
Tabela 23 - Comparação em média da renda individual em salários mínimos segundo se sente realizado profissionalmente.	55
Tabela 24 - Correlação de <i>Spearman</i> entre 'renda individual em salários mínimos' com a 'quantidade de empregos' ($r=0,491$ e $p<0,001$).	55
Tabela 25 - Associação entre 'contribuição do curso para atuar utilizando o processo de enfermagem/SAE' e 'atuação profissional assistencial predominante' com 'realização da SAE'.	56
Tabela 26 - Associação entre realização de atividades em equipe multiprofissional, realização da SAE e área de atuação hospitalar.	56
Tabela 27 - Associação entre realização de atividades em equipe multiprofissional, realização da SAE e área de atuação saúde pública.	56
Tabela 28 - Comparação em média da renda individual em salários mínimos segundo área de atuação profissional (Teste <i>Mann-Whitney</i>).	57
Tabela 29 - Associação entre 'contribuição para educação continuada' e 'fez/faz curso de pós-graduação'.	58
Tabela 30 - Associação entre 'Contribuição para participação em entidades de classe' e 'Participação em entidades de classe'.	58
Tabela 31 - Associação entre 'participação no Centro Acadêmico' e 'Participação em entidades de classe'.	58

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ABEn** - Associação Brasileira de Enfermagem
- CEP** - Comitê de Ética em Pesquisa
- CES** - Câmara da Educação Superior
- CFE** - Conselho Federal de Educação
- CGE** - Curso de Graduação em Enfermagem
- CNE** - Conselho Nacional de Educação
- CNES** - Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde
- CNS** - Conselho Nacional de Saúde
- Cofen** - Conselho Federal de Enfermagem
- DCN** - Diretrizes Curriculares Nacionais
- Enade** - Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes
- Enem** - Exame Nacional do Ensino Médio
- IES** - Instituições de Ensino Superior
- Ipea** - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
- LDB** - Leis de Diretrizes e Bases da Educação
- OMS** - Organização Mundial de Saúde
- PSF** - Programa de Saúde da Família
- Rorhes** - Rede Observatório de Recursos Humanos em Saúde
- SAE** - Sistematização da Assistência de Enfermagem
- Sinaes** - Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior
- Sisu** - Sistema de Ingresso Seriado na Universidade
- TCLE** - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- UFPI** - Universidade Federal do Piauí

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 Objetivo Geral	20
1.2 Objetivos Específicos	20
1.3 Justificativa e Relevância do Estudo	21
2 REVISÃO DE LITERATURA	23
2.1 A formação do enfermeiro no Brasil	23
2.2 Os egressos de Cursos de Enfermagem	26
2.3 Mercado de trabalho para o enfermeiro	30
3 METODOLOGIA	34
3.1 Tipo e Local de Estudo	34
3.2 População e Amostra do Estudo	34
3.3 Instrumento e Variáveis do Estudo	35
3.4 Procedimentos de coleta de dados	36
3.5 Análise Estatística	38
3.6 Aspectos Éticos e Legais	39
4 RESULTADOS	40
4.1 Perfil socioeconômico e demográfico	40
4.2 Formação acadêmica e continuada	41
4.2.1 Formação acadêmica	41
4.2.2 Formação continuada	42
4.3 Inserção no mercado de trabalho, atuação e realização profissional	45
4.4 Contribuições do CGE/UFPI para a atuação profissional	51
4.5 Associação entre variáveis	54
5 DISCUSSÃO	59
6 CONCLUSÕES	78
REFERÊNCIAS	82
APÊNDICES	
ANEXOS	

1 INTRODUÇÃO

A formação em enfermagem no Brasil vem se transformando historicamente, sob a influência das políticas educacionais e de saúde que direcionam os cursos de graduação em enfermagem, na construção de seus projetos pedagógicos e na formação do perfil do enfermeiro.

Dessa maneira, ao analisar a saúde pública no país, nas décadas de 1970/1980, encontram-se conjunturas políticas que privilegiavam o modelo de assistência à saúde pautado na atenção hospitalar, curativa e individual, com saber unidirecional biomédico. Esse modelo direcionava o processo de trabalho em enfermagem de forma hierarquizada, fragmentada e centrada em procedimentos (PEREIRA *et al.*, 2009).

Nas décadas seguintes, 1990/2000, o sistema de saúde no Brasil passou por mudanças no modelo assistencial, com um redirecionamento da atenção no setor da saúde, baseado nas políticas de valorização da atenção básica, iniciadas com as tentativas de consolidação do Sistema Único de Saúde (SUS). (PEREIRA *et al.*, 2009).

Nesse sentido, ocorreu o fortalecimento da atenção básica, na década de 1990, com estratégias como o Programa de Agentes Comunitários de Saúde e o Programa de Saúde da Família (PSF), além da expansão dos postos de trabalho para a enfermagem, principalmente na esfera municipal. O modelo de assistência passou a priorizar a promoção e a prevenção em saúde na atenção primária (GOMES; PINHEIRO, 2005; REIS *et al.*, 2007).

No intuito de garantir a formação de profissionais de nível superior em saúde, em congruência com os princípios e diretrizes do SUS, a Resolução nº 1.133/2001 do Conselho Nacional de Educação (CNE) e Câmara da Educação Superior (CES), e a Resolução nº 350/2005 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), reforçam a articulação entre prevenção de doenças, promoção, recuperação e reabilitação da saúde (BRASIL, 2005, 2001a).

Essa preocupação também é refletida pela própria Constituição Federal de 1988, que estabelece o ordenamento de recursos humanos na área da saúde, em consonância com o SUS, em todos os níveis de ensino (BRASIL, 1988).

Compreende-se que as transformações nos processos de gestão e funcionamento do sistema de saúde direcionam a necessidade de revisão dos

modelos de formação em saúde, tendo os princípios e diretrizes do SUS como norteadores de novas abordagens e práticas de ensino. A formação profissional em enfermagem ocorre de acordo com as necessidades e interesses sociopolíticos e econômicos dessa conjuntura entre educação e saúde (PEREIRA *et al.*, 2009).

Desse modo, o enfermeiro deve se preparar para acompanhar as constantes transformações das instituições de saúde, as quais requerem perfis profissionais que se adéquem aos seus valores e suas demandas de serviço, e que agreguem diversas competências, como habilidades com novas tecnologias, proatividade e capacidade de enfrentar e solucionar problemas no cotidiano do trabalho (MARTINS *et al.*, 2006).

Para definir o perfil profissional dos alunos formados nos cursos de graduação, as Instituições de Ensino Superior (IES) utilizam os princípios das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), aprovadas em 2001, que orientam a construção dos currículos e a elaboração dos projetos político-pedagógicos dos cursos de graduação. As DCN para a enfermagem foram estabelecidas pela Resolução do CNE/CES nº 3/2001, que estabelece os conteúdos, as competências e as habilidades gerais inerentes ao perfil do bacharel em enfermagem (BRASIL, 2001a, 2001b).

Em seu artigo 3º, a Resolução CNE/CES nº 3/2001 estabelece que o perfil do egresso/formando do curso de graduação em enfermagem deve ser de um enfermeiro qualificado para o exercício da enfermagem com base no rigor científico e intelectual, e pautado em princípios éticos; capaz de conhecer e intervir sobre problemas/situações de saúde-doença mais prevalentes no perfil epidemiológico nacional, com ênfase na sua região de atuação; capacitado a atuar, com senso de responsabilidade social e compromisso com a cidadania, como promotor de saúde integral do ser humano (BRASIL, 2001b).

Diante do exposto, entende-se que para alcançar o perfil do egresso de enfermagem, segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais, as Instituições de Ensino Superior em enfermagem precisam realizar continuamente adequações nas práticas de ensino-aprendizagem, a fim de se aproximar do perfil de enfermeiro ajustado às demandas sociais, políticas e individuais (SANTOS, 2006).

Nessa perspectiva, o levantamento de informações sobre a realidade dos egressos proporciona uma reflexão sobre o processo de formação em enfermagem

e contribui para aperfeiçoar as estratégias pedagógicas de formação profissional (COLENCI; BERTI, 2012; BRANQUINHO; BEZERRA, 2011).

Teixeira *et al.* (2006) analisaram o perfil de estudantes de graduação em enfermagem e identificaram características desfavoráveis à vida acadêmica e profissional, como imaturidades cultural, psicológica e lógica, alunos que trabalham e mantêm vários papéis sociais, entre outros aspectos, que as IES devem estudar e trabalhar durante a vida acadêmica, a fim de formar enfermeiros com competências mais amplas.

Tonhom (2008) investigou as influências do processo formativo na vida profissional de egressos de enfermagem e concluiu, dentre outras ideias, que a formação possibilita construir valores que resultem em uma atuação diferenciada, que estimulem o profissional a buscar conhecimentos para enfrentar as contradições do mundo do trabalho, e que precisa haver reflexões e mudanças nos processos pedagógicos de ensino.

Compreende-se, portanto, que a comunicação do centro formador com o egresso caracteriza-se como uma importante ferramenta de integração entre os mesmos, que permite aprofundamentos avaliativos e de reorientação das práticas de ensino-aprendizagem, bem como possibilita manter o compromisso e a responsabilidade social das instituições com seus ex-alunos (BRANQUINHO; BEZERRA, 2011).

Ao pesquisar sobre os egressos, enquanto alunos, as IES têm a oportunidade de averiguar o seu aproveitamento curricular e identificar os obstáculos para o rendimento acadêmico. Todavia, quando estuda os egressos como profissionais, é possível verificar se o perfil do enfermeiro estabelecido no projeto pedagógico foi alcançado, e se supre as expectativas e necessidades do mesmo e do mercado de trabalho.

Ressalta-se, ainda, que as informações obtidas nesse tipo de estudo devem ser utilizadas pelas IES, de forma reflexiva, para orientar as mudanças nos projetos pedagógicos e nas práticas de ensino-aprendizagem, a fim de obter uma formação congruente com as políticas de saúde, com o mercado de trabalho, e com os anseios individuais e da sociedade.

Nos processos de elaboração curricular do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí – CGE/UFPI, não há registros da utilização de resultados de estudos com seus egressos, que poderiam orientar

reflexões e modificações nas práticas pedagógicas e de seu conteúdo. A participação discente e de enfermeiros da comunidade na construção de alguns currículos, foi o que mais se aproximou de uma abordagem nesse tema (ROCHA; LIRA, 2007).

O currículo inicial do CGE/UFPI foi estruturado em três partes sucessivas: pré-profissional, tronco profissional e habilitações, com duração mínima de 2.500 horas. Seu conteúdo era direcionado para a assistência hospitalar e ao indivíduo doente, desvinculado das ações de promoção e prevenção em saúde. A primeira reforma do currículo ocorreu em 1994 e, seguidamente, em 1996, 2007 e 2012. O primeiro Projeto Pedagógico foi criado em 2007, e reformulado em 2012 (NOGUEIRA, 1996 *apud* ROCHA, LIRA, 2007; ROCHA; LIRA, 2007; NUNES, 2004; UFPI, 2012).

Os currículos do CGE/UFPI, anteriores à criação do Projeto Pedagógico, atendiam ao cumprimento dos currículos mínimos estabelecidos pelo Conselho Federal de Educação (CFE), cuja perspectiva da formação era direcionada para o modelo hospitalocêntrico e mercantilista da saúde, que se verificava no âmbito nacional. Essa concepção vem sendo revista desde a implantação do primeiro Projeto Pedagógico do CGE/UFPI, em 2007, que foi concebido em consonância com as DCN e com as mudanças no modelo de atenção à saúde, visando à adoção de um currículo resultante de reflexões sobre a realidade na qual seria desenvolvido (ROCHA; LIRA, 2007; MAIA, 2011).

O atual Projeto Pedagógico tem como objetivo incorporar ao perfil do seu graduado, competências gerais, além das habilidades específicas ligadas ao perfil regional, capazes de torná-lo um profissional crítico, multiplicador de conhecimento e reconhecedor do significado da prática da enfermagem. Requer que o profissional consiga se posicionar eticamente e atuar em diversos níveis de atenção à saúde, com responsabilidade e com qualidade das ações desenvolvidas. Deve também, o enfermeiro, ser capaz de coordenar técnica e cientificamente a equipe de enfermagem, articular o processo do trabalho de enfermagem e administrar a assistência sistematicamente (UFPI, 2012).

O que se verifica na trajetória evolutiva do currículo do CGE/UFPI é que suas primeiras versões se direcionaram para atender aos requisitos legais, e estiveram desconectadas da realidade de saúde local e dos interesses dos discentes, com atividades pedagógicas que focavam na transmissão de saberes e práticas. A

preocupação em formar um profissional com consciência crítica, reflexiva, e capacidade para transformar a sua realidade de atuação, com embasamento científico, veio a ser objeto no primeiro Projeto Pedagógico, em 2007. As metodologias do ensinar-aprender também foram repensadas nesse Projeto Pedagógico, bem como a orientação para a formação em consonância com a realidade da assistência e políticas de saúde.

As mudanças presentes no primeiro projeto pedagógico do CGE/UFPI eram necessárias há tempos, desde o início das reformas no currículo do curso, em 1994, quando se esboçou a tentativa de reorientar a matriz vigente. No entanto, a elaboração do Projeto Pedagógico do CGE/UFPI veio tardiamente, se considerarmos que o modelo de assistência em saúde já vinha sofrendo transformações, desde a década de 1990. Além disso, as DCN para a enfermagem, que orientavam os currículos para uma atuação em consonância com os princípios do SUS, entraram em vigência em 2001, e só foram utilizadas pelo CGE/UFPI seis anos depois.

O CGE/UFPI tem se constituído como referência na formação do bacharel em enfermagem na sociedade piauiense desde sua implantação, em 1973, servindo também como referência para a própria categoria profissional. Oferece atualmente oitenta vagas por ano, sendo quarenta por semestre, e o ingresso é feito mediante a realização do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), pelo Sistema de Ingresso Seriado na Universidade (Sisu). O objetivo principal do curso é proporcionar uma formação técnico-científica e sócio-político-cultural ao futuro enfermeiro, para que possa interagir e intervir comprometidamente no seu cotidiano de trabalho (UFPI, 2012).

Ressalvadas as dificuldades enfrentadas em sua trajetória, o conhecimento adquirido ao longo dos anos, no repensar do processo formativo, traz ao CGE/UFPI o bônus da experiência e amadurecimento na implantação de diversificadas abordagens temáticas e metodológicas, que provavelmente nenhum outro curso de graduação em enfermagem do Piauí vivenciou, tendo em vista os anos à frente do ensino superior em enfermagem no Estado.

Portanto, as análises do Projeto Pedagógico do CGE/UFPI, das leis que regem a profissão e das diretrizes para a elaboração dos currículos, possibilitam criar um esboço do bacharel em enfermagem que o curso pretende formar. Além dessas prerrogativas, compreende-se também o peso social do egresso de

enfermagem da UFPI, que é visualizado pela sociedade como um profissional qualificado e competente, pela tradição e qualidade embutidas na história da instituição.

Assim, ressalta-se o perfil do egresso/formando profissional do Curso de Graduação em Enfermagem da UFPI, segundo o Projeto Pedagógico:

Enfermeiro(a), profissional da área da saúde, com formação generalista e capacidade crítica, reflexiva e criativa. Habilitado(a) para o trabalho de Enfermagem nas dimensões do cuidar, gerenciar, educar e pesquisar, com base em princípios éticos, conhecimentos específicos e interdisciplinares. Capaz de conhecer e intervir no processo de viver, adoecer e ser saudável, individual e coletivo, com responsabilidade e compromisso com as transformações sociais, a cidadania e a promoção da saúde (UFPI, 2012, p.24).

Desde a implantação do Curso de Graduação em Enfermagem da UFPI, depreende-se que o estudo com seus egressos ainda não tenha sido realizado, visto que não foram encontradas pesquisas relacionadas a essa temática. O próprio Projeto Político-Pedagógico do curso menciona que a avaliação do profissional formado pela instituição poderá ser realizada por meio de questionários aplicados aos egressos, atuantes ou não no mercado de trabalho (UFPI, 2012).

Portanto, frente à problemática apresentada, este estudo tem como objeto o perfil dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí (UFPI), formados no período de 2009 a 2011, que vivenciaram o primeiro Projeto Pedagógico do CGE/UFPI. E como questões de pesquisa do estudo: Qual o perfil socioeconômico, demográfico e profissional dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da UFPI (CGE/UFPI) participantes do estudo? Como o processo de formação dos enfermeiros egressos contribuiu para sua atuação profissional?

1.1 Objetivo Geral

- Analisar o processo de formação do Curso de Graduação em Enfermagem da UFPI (CGE/UFPI), com base no perfil dos egressos formados no período de 2009 a 2011 e contribuições do curso.

1.2 Objetivos Específicos

- Caracterizar o perfil socioeconômico e demográfico dos egressos;
- Caracterizar a formação acadêmica e continuada dos egressos;
- Caracterizar a inserção dos egressos no mercado de trabalho, atuação e realização profissional;
- Avaliar a contribuição do CGE/UFPI para a atuação profissional do egresso.

1.3 Justificativa e Relevância do Estudo

A investigação de variáveis relacionadas aos egressos faz parte dos parâmetros examinados pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes), o qual avalia a qualidade das IES e dos cursos de graduação. Dentre as variáveis pesquisadas, interrogam-se informações inerentes à inserção dos graduados no mercado de trabalho, às suas opiniões sobre a formação curricular, à realização de educação continuada, além de outras coerentes com a temática, que podem ser ampliadas de acordo com as necessidades locais ou regionais (BRASIL, 2008).

Além da coerência com o processo avaliativo legal, os estudos com egressos podem ser realizados pelas IES no intuito de conhecer o perfil dos seus profissionais formados, e reorientar os fundamentos e as práticas de ensino-aprendizagem utilizadas, com base nos resultados obtidos.

Visualiza-se, portanto, que a necessidade de estudos com egressos está vinculada a parâmetros avaliativos governamentais e institucionais, no intuito de que seus resultados contribuam para melhorar o processo de formação do enfermeiro.

Como egressa do CGE/UFPI, ao entrar no mundo do trabalho, as habilidades e competências adquiridas durante a graduação foram confrontadas continuamente, e foi possível perceber contribuições positivas e negativas do curso à atuação profissional.

Pelas razões já elencadas, torna-se iminente a realização de pesquisa sobre o tema, visto que seus resultados poderão trazer informações importantes para redirecionar as ações do aprender e ensinar já utilizadas, bem como apontar para novos enfoques temáticos e metodológicos.

O estudo contribuirá com o Curso de Enfermagem da UFPI por oportunizar à Instituição fazer um *feedback* do seu processo educativo e servirá também como

base de dados para futuras investigações sobre a educação em enfermagem no Estado do Piauí, além de enriquecer o acervo histórico da UFPI.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A formação do enfermeiro no Brasil

O ensino em enfermagem no Brasil teve seus primeiros registros em 1890, e ao longo da história, foi centrado na cura do indivíduo doente e na assistência hospitalar. Todavia, essa orientação educacional teve uma ruptura na década de 1980, com os movimentos pela redemocratização do país e, posteriormente, com a criação do SUS, em 1990, em que houve uma reorientação das políticas de saúde, com pressupostos de equidade, integralidade e universalidade, e emergiu a necessidade de profissionais com perfil para atuar em diferentes níveis de assistência (ITO *et al.*, 2006).

Nessa época de transformações na saúde, os cursos de graduação em enfermagem orientavam-se pelo Parecer 163/72, que estabelecia o currículo mínimo adotado pelos cursos superiores de enfermagem, com ênfase no modelo hospitalar e na especialização precoce, além de apresentar dicotomias entre teoria e prática. A formação em enfermagem era marcada por aspectos de controle, domínio, ênfase na técnica, reprodução de conteúdos e falta de clareza ideológica (CORREIA *et al.*, 2004; GALLEGUILLOS; OLIVEIRA, 2001).

As reconfigurações do modelo de saúde com a implantação do SUS fizeram emergir a necessidade de uma reestruturação nos padrões curriculares dos cursos de graduação da área da saúde, com mudanças paradigmáticas no contexto acadêmico (SILVA *et al.*, 2010).

A formação em enfermagem se mostrava inadequada ao modelo assistencial em saúde da época, o que gerou amplas discussões e mobilização nacional pelas entidades representativas em enfermagem, visando à reestruturação do currículo vigente (ITO *et al.*, 2006).

Nesse contexto, a Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn) liderou um processo de discussão nacional do currículo, com o objetivo de caracterizar a situação do ensino de graduação em enfermagem e apresentar alternativas para os problemas identificados. As discussões iniciaram em 1986, e persistiram anualmente, ganhando força em 1992, quando o CFE considerou as propostas de mudanças curriculares encaminhadas pela ABEn e reformulou o currículo vigente, por meio do Parecer CFE Nº 314, publicado em 1994. O novo currículo reintroduziu

temas em saúde pública nas disciplinas básicas e fixou os conteúdos mínimos e a duração do curso de graduação em enfermagem; porém, ainda predominava a orientação para a assistência curativa e individual (CORREIA *et al.*, 2004; GALLEGUILLOS; OLIVEIRA, 2001).

Nessa concepção, outro avanço aconteceu, com a promulgação das Leis de Diretrizes e Bases da Educação (LDB - Lei 9.394/96), em 1996, que estabeleceu as normas e diretrizes da educação nacional e introduziu novas perspectivas pedagógicas aos cursos de graduação, abrindo espaço para a autonomia organizacional e curricular das IES, além de viabilizar a ampliação do número de escolas, de cursos e de vagas, estendendo o direito da formação universitária à iniciativa privada (FERNANDES *et al.*, 2013; ITO *et al.*, 2006).

A partir de então, observou-se uma progressão gradual na política de formação de profissionais de saúde, em especial da enfermagem, em que se buscou uma articulação com as políticas de educação e de saúde, e teve como resultado a implantação das Diretrizes Curriculares Nacionais, em 2001, que determinaram a adoção de orientações curriculares específicas para cada curso, sem destituir a autonomia das IES, oferecendo as bases para elaboração dos projetos pedagógicos (SILVA *et al.*, 2010; FERNANDES *et al.*, 2013; ITO *et al.*, 2006; SILVA *et al.*, 2012).

As DCN para a enfermagem foram estabelecidas pela Resolução do Conselho Nacional de Educação e da Câmara da Educação Superior (CNE/CES) nº 3/2001. Essa legislação estabelece as competências e habilidades gerais e específicas necessárias ao bacharel em enfermagem, e define o seu perfil profissional, com formação generalista, humanista, crítica e reflexiva; qualificado para o exercício da enfermagem com base no rigor científico e intelectual, e pautado em princípios éticos; capaz de conhecer e intervir sobre os problemas de saúde-doença do perfil epidemiológico nacional e regionais; capacitado ainda a atuar com senso de responsabilidade social e compromisso com a cidadania, como promotor da saúde integral do ser humano (BRASIL, 2001b).

Essa conjuntura de mudanças na legislação do ensino superior favoreceu também a expansão dos cursos de graduação em enfermagem no Brasil, especialmente observada na iniciativa privada, impulsionada pelas aberturas oferecidas na LDB/1996. Ao se observar o crescimento dos cursos de enfermagem a partir de 1991, em que havia 106 cursos de graduação em enfermagem no país, até 2011, quando se chegou ao número de 799 cursos, contabilizou-se um crescimento

total, nesse período de vinte anos, de 754%. Atualmente, o Brasil possui 971 cursos de graduação em enfermagem cadastrados (E-MEC, 2014, TEIXEIRA *et al.*, 2006, 2013; ERDMANN; FERNANDES; TEIXEIRA, 2011; FERNANDES *et al.*, 2013).

Ainda com relação à expansão dos cursos de graduação em enfermagem, verificou-se também uma mudança na forma de organização administrativa dos cursos, a qual, até 1991, era predominantemente pública. O ensino superior privado, amparado nos instrumentos legais das políticas educacionais, conseguiu derrubar a hegemonia do ensino superior público e gratuito, e criou ainda uma expressiva disputa do mercado educacional. Em 2011, do total de 826 cursos de graduação em enfermagem ofertados no Brasil, 80,6% eram particulares, e o restante, 19,4%, públicos (VARELLA; PIERANTONI, 2007; TEIXEIRA *et al.*, 2013; ROCHA; NUNES, 2013).

Quanto às propostas instituídas pelas DCN, houve dificuldade dos cursos de graduação em enfermagem em operacionalizá-las, especialmente as relativas ao desenvolvimento de competências e habilidades que estão estabelecidas na descrição do perfil do enfermeiro. Pesquisa realizada em 2006 verificou que o índice de aderência dos cursos de enfermagem às DCN foi de 72%, considerado abaixo das expectativas esperadas na época, em que já haviam decorrido cinco anos da vigência das diretrizes. Outro estudo revelou inconsistências na formação direcionada para a atuação do enfermeiro no âmbito do SUS, conforme preconizam as DCN (FERNANDES *et al.*, 2005; LOPES NETO *et al.*, 2007; FERNANDES *et al.*, 2013).

Entende-se que a formação por competências não se resume a um conjunto de ações ou procedimentos técnicos que devem ser ensinados e aprendidos, mas envolve a articulação de vários saberes para a resolução de problemas em situações previsíveis ou não, embasadas pelo uso da inteligência. Possivelmente, a ausência de clareza nas definições das competências ainda ocasionava dificuldades e inconsistências na formação do enfermeiro (FERNANDES *et al.*, 2005; LUCCHESI; BARROS, 2006).

Apesar das dificuldades, espera-se que as IES que oferecem cursos de enfermagem elaborem seus projetos pedagógicos com expectativas de transformação do perfil dos futuros enfermeiros, construídos com base nos princípios e diretrizes do SUS, fundamentados no conceito ampliado de saúde e na utilização de metodologias ativas de ensino-aprendizagem, direcionados à formação

de um profissional crítico e apto a discutir e propor mudanças (LOPES NETO *et al.*, 2007; COLENCI; BERTI, 2012).

As mudanças trazidas pelas DCN romperam a inflexibilidade dos currículos estabelecidos pelo CFE, que destoavam da necessidade de saúde da população e desconsideravam as divergências regionais em saúde. Entretanto, as evoluções das políticas do ensino superior em enfermagem nas últimas décadas aconteceram tardiamente às mudanças ocorridas na saúde, e a transição dos modelos de formação das IES, em enfermagem, demandou tempo para atender às novas propostas curriculares; esses fatores retardaram os primeiros resultados na formação dos enfermeiros capacitados para a atuação fundamentada, consciente, crítica e ativa.

A premência de atender a vários pressupostos legislativos, aliada às demandas do mercado de trabalho, torna o processo formativo do enfermeiro mais complexo do que se presume, e demanda reflexão das IES na construção dos currículos e dos projetos pedagógicos dos cursos, bem como nas metodologias de ensino, a fim de construir um perfil profissional que atenda aos objetivos propostos.

Nesse contexto de transformações, os cursos de graduação em enfermagem têm a responsabilidade de desenvolver, adequar e aperfeiçoar constantemente as metodologias de ensino-aprendizagem, no intuito de formar enfermeiros com perfis que atendam aos anseios individuais e da sociedade.

2.2 Os egressos de Cursos de Enfermagem

O egresso representa o produto das IES, e sua desenvoltura no mercado de trabalho consiste em um dos parâmetros da qualidade do ensino. O acompanhamento sistematizado do egresso e o conhecimento do seu perfil são instrumentos que subsidiam discussões sobre a qualidade do método pedagógico, e devem ser apreciados durante o processo ensino-aprendizagem, ao longo da formação acadêmica (PASSOS *et al.*, 2013)

O estudo de Souza e Miyadahira (2012) caracterizou egressos de enfermagem de uma universidade pública, que possuíam entre três a quatro anos de formação. A maioria dos egressos era constituída por mulheres jovens, solteiras e sem filhos, que possuíam apenas um emprego, com predominância de atuação na área hospitalar. Pouco mais da metade fez curso de pós-graduação e cursos de

aprimoramento. Os egressos apontaram a contribuição do curso para várias competências, dentre estas: respeitar os princípios éticos e legais da profissão; atuar na assistência de enfermagem; trabalhar em equipe multiprofissional; utilizar o processo de enfermagem, além de outras pesquisadas no estudo. A contribuição foi referida como pouco significativa para competências como atuar no ensino da enfermagem, desenvolver pesquisa científica e participar em entidades de classe.

Em outra perspectiva, o perfil dos egressos de enfermagem de uma universidade privada, com dois a seis anos de formação, era constituído por uma maioria jovem, feminina, solteira, e sem filhos, situação atribuída às transformações da realidade brasileira, em que cada vez mais as mulheres buscam formação profissional e espaço no mercado de trabalho, postergando a opção de casamento e filhos. Esses egressos destacaram alguns pontos na graduação que interferiram positivamente na atuação profissional, como a qualidade do corpo docente e campos de estágio prático, sendo que a maioria levou menos de seis meses para entrar no mercado de trabalho. Nesse estudo, foi encontrada ainda uma pequena parcela de egressos que não estava inserida no mercado de trabalho, ou que estava atuando em outra área. A maioria realizou ou estava realizando cursos de pós-graduação, evidenciando preocupação com qualificação profissional (PASSOS *et al.*, 2013).

Outro estudo investigou egressos da Escola de Enfermagem da USP, e encontrou similitudes com os estudos citados anteriormente. Sua amostra era em grande parte formada por enfermeiras jovens e que levaram menos de três meses para conseguir se inserir no mercado de trabalho. A assistência hospitalar prevaleceu como área de atuação. Dentre esses egressos, uma pequena parcela tinha mais de um emprego. A pesquisa também concluiu que o processo formativo possibilitou tanto contribuições quanto dificuldades de inserção no mercado de trabalho (PÜSCHEL; INÁCIO; PUCCI, 2009).

Nesse sentido, existe relevante número de pesquisas envolvendo egressos, com abordagens e resultados semelhantes ou diversificados, a depender dos objetivos e recorte populacional escolhidos, mas, o que se pressupõe, é que as experiências e vivências do egresso, tanto na graduação como na vida profissional, interferem diretamente na inserção e atuação do enfermeiro no mercado de trabalho, bem como no seu grau de satisfação profissional.

Durante a formação acadêmica, o estudante tem oportunidade de realizar algumas atividades extracurriculares, consideradas atividades complementares, que visam aproximar o discente com a realidade social, econômica e cultural inerentes à profissão de enfermeiro, bem como inserir o aluno na iniciação científica. Tais práticas permitem que o estudante conduza sua própria trajetória acadêmica, preservando sua identidade profissional e vocação (UFPI, 2012).

Neste raciocínio, entende-se que o desempenho acadêmico do estudante de graduação em enfermagem também intervém positivamente ou negativamente no seu percurso profissional, e constitui elemento relevante para as pesquisas nessa temática.

Com essa linha de pensamento, a pesquisa de Bardagi e Hutz (2012) identificou que alunos com maior envolvimento no curso e melhor desempenho acadêmico têm melhores percepções em relação à profissão e às possibilidades de inserção ocupacional. O mau desempenho pode levar à desmotivação e ao desengajamento progressivo com o curso; do mesmo modo, a insegurança e a pouca identificação com o curso podem favorecer um menor envolvimento e empenho do aluno, diminuindo o seu rendimento.

A participação do estudante de enfermagem em atividades extracurriculares possibilita o fortalecimento da identidade profissional e a conquista da sua autonomia como enfermeiro, bem como proporciona sua formação crítica e comprometida, resultando em qualificação do seu processo de trabalho (KRAHL et. al., 2009).

Pierantoni (2008) analisou o perfil de estudantes de enfermagem de diferentes IES, e delimitou várias características, e entre as consideradas desfavoráveis, destacaram-se a reduzida prática de estágios extracurriculares, que era realizada por menos da metade dos estudantes pesquisados, e o pouco tempo destinado ao estudo, em que o percentual mais frequente apontou para 3 a 5 horas semanais de dedicação. Dentre aqueles que realizavam atividades extracurriculares, como estágios, trabalhos científicos e estudo de idiomas, a maior participação registrada era composta por alunos de IES públicas.

O perfil de alunos de graduação também é um parâmetro avaliado pelo Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade), e os alunos dos cursos de graduação em enfermagem pesquisados na avaliação de 2010 mostraram que uma importante porcentagem não desenvolve atividades extracurriculares, como

participação em iniciação científica, programas de extensão e monitoria. Dentre os que participaram, entre 25,1% a 35,9%, a maioria relatou grande contribuição resultante da experiência (INEP, 2010).

Os estudos de Pierantoni (2008), Spindola, Martins e Francisco (2008); Vall, Pereira e Friesen (2009), e Magalhães e Carzino (2002) apontam diferenças entre o perfil de alunos de graduação em enfermagem de IES públicas e privadas. Na primeira, o perfil é predominantemente formado por jovens que não estão inseridos no mercado de trabalho; entre os alunos das IES privadas, geralmente se encontra uma importante representação de adultos, dos quais muitos já estão inseridos no mercado de trabalho, e dentre esses, alguns já atuam nos serviços de saúde, comumente como técnicos e auxiliares de enfermagem.

A menor concorrência de vagas e a oferta de cursos no período noturno são fatores que atraem aqueles que já trabalham e têm pouca disponibilidade de tempo. Em contrapartida, os alunos das IES públicas parecem ter condições mais favoráveis para a formação, reforçadas pelo desenvolvimento dos currículos em tempo integral e a maior disponibilidade de tempo para atividades extracurriculares, que substanciam a formação profissional (PIERANTONI, 2008).

Tal fato não significa que os enfermeiros formados nas IES privadas sejam menos qualificados que os das IES públicas, mas, sim, que são necessárias estratégias curriculares que consigam ultrapassar as dificuldades dos alunos que têm pouca disponibilidade de tempo para dedicação ao estudo e às atividades complementares.

Diante das ideias propostas, compreende-se que as experiências vividas pelo egresso durante seu processo formativo são determinantes para caracterizar seu modo de atuação, portanto, a reinserção do egresso na sociedade, com o seu novo perfil, o de enfermeiro, defronta diversos conflitos profissionais, os quais serão mais bem resolvidos quando seus processos formativos possibilitarem as habilidades necessárias para solucioná-los.

O desenvolvimento crítico e reflexivo do enfermeiro na graduação é fundamental para alcançar a competência profissional, pois se relaciona estreitamente com atitudes como a procura constante de atualização e aperfeiçoamento, preocupação com a oferta de assistência qualificada, lutas por melhorias em sua categoria profissional e compromisso ético, os quais resultam em satisfação profissional e melhorias na assistência.

Entende-se que os preceitos legais constituem a base para a elaboração do perfil do enfermeiro que se pretende construir na graduação; porém, não são suficientes para garantir que se chegue a esse resultado. A postura do aluno e as estratégias didáticas do curso constituem elementos substanciais para alcançar esse objetivo. Ademais, chegar ao perfil proposto é premissa essencial para garantir que o enfermeiro seja capaz de prestar uma assistência de enfermagem qualificada e segura à população.

2.3 Mercado de trabalho para o enfermeiro

Até meados da década de 1980, o mercado de trabalho para o enfermeiro caracterizava-se por pequena inserção em postos de direção, emprego único, baixo exercício como profissional liberal, baixa autonomia e assalariamento (REDE OBSERVATÓRIO DE RECURSOS HUMANOS EM SAÚDE – RORHES, 2006).

Na década de 1990 houve uma reorientação da atenção à saúde, com implantação de novas políticas para a atenção primária e, conseqüentemente, surgiram novos postos de trabalho para os profissionais de saúde. Segundo relatório da Rorhes (2006), nas últimas décadas do século XX ocorreu um aumento de 479% na oferta de emprego para o enfermeiro, fenômeno atribuído à implantação do SUS, tanto pela expansão da rede pública, especialmente na esfera municipal, quanto da rede privada contratada, que gerou novos empregos. Muitas oportunidades estavam inseridas no Programa de Saúde da Família, que se tornou uma perspectiva atraente no mercado de trabalho dos enfermeiros. Nos anos 2000 esse fenômeno tomou proporções ainda maiores (VARELLA; PIERANTONI, 2007).

Com a evolução das conjunturas do modelo de saúde, o enfermeiro conquistou mais autonomia e um leque variado de áreas de atuação, além de diferentes modos de vínculos empregatícios. Os campos de trabalho para o enfermeiro cresceram substancialmente nos últimos anos, abrindo perspectivas de conhecimento em múltiplas direções e espaços. A educação em enfermagem foi aquecida por este processo, com expansão de cursos e de vagas para a graduação (ERDMANN *et al.*, 2009).

Analisando-se o panorama nacional do mercado de trabalho para o enfermeiro, verifica-se que as ofertas de emprego crescem de forma mais tímida, porém, ainda aumentam e ocupam uma posição privilegiada, pois quantitativamente,

ainda existe um número relevante de postos de trabalho e, qualitativamente, é heterogênea de práticas (individual/coletiva, hospitalar/ambulatorial, público/privado) (CARRIJO *et al.*, 2007).

Em outro aspecto do mercado de trabalho, a atividade simultânea em mais de um emprego é vista com frequência entre enfermeiros, que pode ser relacionada à busca por melhor remuneração. A possibilidade de alternar trabalho diurno e noturno facilita essa multiplicidade de vínculo empregatício. Os autores do relatório de Rorhes (2006) afirmam que o desequilíbrio entre a disponibilidade de enfermeiros e a oferta de postos de trabalho, junto à necessidade de complementação da renda familiar e à perda da capacidade de compra dos salários, fez com que os enfermeiros aumentassem o número de horas de trabalho e adotassem a prática do *multiemprego*.

As primeiras pesquisas sobre dados nacionais da enfermagem, envolvendo perfis dos profissionais na categoria, mostraram que até a década de 1980, o quantitativo de enfermeiros manteve-se abaixo de 12% na força de trabalho em enfermagem. Esse resultado era reflexo do modelo de saúde nessa época, que enfatizava a medicina privada, com concentração de trabalho entre os médicos e atendentes de enfermagem (VARELLA; PIERANTONI, 2007).

Recentemente, os profissionais de enfermagem foram caracterizados, em 2013, pelo Conselho Federal de Enfermagem (Cofen), que contabilizou 314.127 enfermeiros no Brasil, no ano de 2011. A maior concentração foi verificada na região Sudeste, com 157.277 profissionais (49,67%). O Nordeste abrigava 20,24% do total de enfermeiros, o equivalente a 68.853 indivíduos. O Piauí possuía 4.019 enfermeiros com registro no Conselho, que correspondeu a 1,27% do total de enfermeiros no Brasil. No panorama nacional, a maioria era do sexo feminino (88,14%), solteira (50%), com faixa etária predominante entre 26 a 35 anos (41,68%), quadro que se repetiu regionalmente de maneira semelhante no estudo (COFEN, 2013).

Quando realizado o cálculo de enfermeiro por habitante no Brasil, encontrou-se a proporção de 1,88 enfermeiro para cada mil habitantes. No Nordeste, esta proporção caiu para 1,43 enfermeiro para mil habitantes; e no Piauí, o valor encontrado foi de 1,44 enfermeiro/1000 habitantes. A proporção ainda não atingiu o que é recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), que é de dois enfermeiros para cada mil habitantes (COFEN, 2013; OMS, 2006).

De acordo com os dados do Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde (CNES), o Piauí possui 2.812 enfermeiros vinculados aos serviços de saúde, distribuídos por modalidade de assistência. O Estado possui 3.338 estabelecimentos de saúde, entre públicos e privados, sendo que 886 estão na capital. Quanto à classificação do cargo, há predominância de duas funções: enfermeiro generalista, com 1.413 profissionais, e enfermeiro da Estratégia Saúde da Família, com 1.294 registros. É necessário destacar que nesses dados não constam informações sobre os enfermeiros inseridos na área docente, tampouco os enfermeiros com vínculo irregular, ou ainda aqueles inativos, que somariam nesse quantitativo, por isso esse número não se aproxima do total de enfermeiros registrados no Piauí no estudo do Cofen (2013), que era de 4.019 profissionais (BRASIL, 2014; COFEN, 2013).

No Piauí, a cidade que mais absorve enfermeiros é a capital do Estado, Teresina, com 1.082 profissionais registrados. Tal fato pode ser justificado por ser o município mais populoso, que abriga um maior número de IES e que concentra o maior polo de saúde do Estado. As instituições de saúde sediadas na capital, tanto públicas quanto privadas, servem como referência na resolução de enfermidades para pessoas residentes no Piauí, como também em Estados vizinhos (BRASIL, 2014).

Além da cidade de Teresina, os municípios de Picos, Parnaíba e Floriano são os que apresentam a maior concentração de estabelecimentos de saúde e de enfermeiros vinculados aos serviços. A cidade de Picos abriga 168 instituições de saúde e 128 enfermeiros; Parnaíba aparece com 149 estabelecimentos e 119 enfermeiros; o município de Floriano tem o registro de 107 serviços de saúde e 74 enfermeiros (BRASIL, 2014).

Segundo boletim do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), divulgado em 2013, o mercado de trabalho para os enfermeiros no Brasil foi um dos que mais cresceu nos últimos cinco anos, ocupando o segundo lugar entre as ocupações que mais abriram postos de trabalho, e o primeiro lugar na área da saúde. Em contrapartida, os enfermeiros estão entre as ocupações que apresentaram remunerações mais modestas e, ainda, perdas salariais. A região Sudeste destacou-se em número absoluto de oferta de emprego, além da Bahia e do Rio Grande do Sul. No Piauí, a concentração de novos postos de trabalho para o enfermeiro foi considerada baixa na pesquisa (IPEA, 2013).

A expectativa para o futuro no mercado de trabalho para o enfermeiro é de que continue em crescimento, tendo em vista a previsão de especialistas, que afirmam que as carreiras da área da saúde devem registrar aumento do número de vagas nos próximos anos, em razão da melhoria do padrão de vida da parcela mais pobre da população brasileira, que deve investir em produtos e serviços ligados à saúde (MAGGI, 2013).

Assim como em todas as profissões, o mercado de trabalho para o enfermeiro transitou entre fases de declínio, ascensão e estagnação, e sua demanda circunstanciou a reorientação da formação e a criação de novos cursos no Brasil. Desta forma, acompanhar e analisar o mercado de trabalho para o enfermeiro é inevitável para o desenvolvimento da formação.

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo e Local do Estudo

Trata-se de um estudo descritivo, transversal, realizado por meio de uma pesquisa de campo, em um Curso da Universidade Federal do Piauí.

3.2 População e Amostra do Estudo

A população do estudo foi composta por todos os egressos do CGE/UFPI, do *campus* de Teresina, que concluíram a graduação entre os anos de 2009 a 2011, sob a vigência do primeiro Projeto Pedagógico do Curso, totalizando 140 profissionais.

O recorte populacional teve o objetivo de conhecer o perfil dos egressos que vivenciaram o primeiro Projeto Político-Pedagógico do Curso de Enfermagem, implementado em 2007 e elaborado sob a orientação das Diretrizes Curriculares Nacionais, e que tivessem pelo menos um ano de formados no período previsto para a coleta de dados.

Os egressos que concluíram a graduação até 2008 não foram incluídos no estudo, pois não experimentaram o primeiro Projeto Pedagógico, tendo em vista que os critérios de transição adotados mantiveram os alunos que faltavam até quatro períodos para concluírem a graduação na estrutura curricular em vigor até 2007 (UFPI, 2007).

Portanto, delimitou-se como critério de inclusão no estudo: egressos que concluíram a graduação nos anos de 2009 a 2011, do *campus* de Teresina. Os critérios de exclusão: egressos que concluíram a graduação até 2008 e aqueles oriundos de outros *campi*.

A amostra, não probabilística e intencional, compôs-se de 104 enfermeiros egressos, buscados por acessibilidade e por bola de neve, sendo 30 egressos concludentes do ano de 2009, 42 de 2010, e 32 graduados de 2011, conforme se visualiza no Quadro 1.

Quadro 1. Distribuição da quantidade de egressos do CGE/UFPI por ano de conclusão do curso.

Ano	Quantidade de egressos	Amostra
2009	41	30
2010	56	42
2011	43	32
TOTAL	140	104

3.3 Instrumento e variáveis do Estudo

O instrumento utilizado na coleta dos dados foi um questionário elaborado, testado e utilizado por Souza (2000) (ANEXO A) em seu estudo sobre perfil de egressos de enfermagem, em formato Word 2010 para Windows. A escolha deste tipo de instrumento ocorreu pela possibilidade de seu envio por meio postal ou correio eletrônico ao participante, tendo em vista a possível diversidade de locais de atuação e moradia dos diversos indivíduos da população do estudo.

Quanto à opção específica pelo questionário usado na pesquisa de Souza (2000), embora tenha sido elaborado antes da publicação das DCN para os cursos de enfermagem em 2001, suas questões já abrangiam competências que foram posteriormente estabelecidas na resolução CNE/CES nº 3/2001 para a formação do enfermeiro, e contempladas no Projeto Pedagógico do CGE/UFPI (UFPI, 2007).

O questionário continha perguntas abertas e fechadas, dividido em quatro partes:

1 – Informações sociodemográficas e econômicas: sexo, idade, situação conjugal, número de filhos, renda mensal individual, local de residência.

2 – Formação acadêmica e profissional: ano de conclusão da graduação, participação em atividades complementares na graduação, realização de pós-graduação e modalidade de pós-graduação, participação em cursos de aprimoramento e eventos científicos, realização de trabalho científico e divulgação, realização de outra graduação.

3 – Atuação profissional: ocupação atual como enfermeiro e/ou em outra atividade profissional, sentimento quanto à escolha da profissão e de realização profissional, especificação da atuação como enfermeiro desde a graduação (área de atuação, especialidade, locais, e período de permanência no emprego), atividade que predomina na atuação, utilização do processo de enfermagem e de suas

etapas, associação a entidades de classe, meios utilizados para solucionar déficits de conhecimento, desenvolvimento de atividades em equipe multiprofissional e na comunidade.

4 – Contribuição do CGE/UFPI: essa foi investigada de duas formas;

- ✓ questão aberta: Contribuição mais significativa do Curso, na perspectiva do egresso.
- ✓ quadro com a atribuição da contribuição do Curso em Escala de Likert (nenhuma, pouca, média, grande e muito grande), em relação às seguintes competências: ‘Ter visão crítica da realidade’, ‘Ser agente transformador da realidade’, ‘Atuar em equipe multiprofissional’, ‘Atuar utilizando o processo de enfermagem/SAE’, ‘Atuar na gerência do serviço de Enfermagem’, ‘Atuar na assistência de enfermagem’, ‘Atuar no ensino de enfermagem’, ‘Desenvolver pesquisa científica’, ‘Atuar na comunidade’, ‘Participar de entidades de classe’, ‘Investir na sua educação continuada’, ‘Aprender por iniciativa própria’ e, por fim, ‘Atuar respeitando princípios éticos e legais da profissão’. Cada competência era seguida de espaço para justificativa, caso o participante optasse por fazê-la.

Importante mencionar que nas questões 28, 29 e 30 do instrumento, houve ajuste para dar clareza e direção ao instrumento, a fim de que fosse contextualizado com a realidade dos egressos do CGE/UFPI,

3.4 Procedimentos de Coleta de Dados

Etapa I: Identificação dos egressos.

Inicialmente, precisaram-se identificar os egressos e obter informações que pudessem localizá-los, de modo que em 29 de maio de 2012 a pesquisadora deu entrada em um requerimento na Pró-Reitoria de Ensino de Graduação, solicitando os nomes dos egressos formados no período pesquisado, bem como informações quanto a endereço residencial, *e-mail* e número telefônico, que possibilitassem fazer contato com o egresso e enviar correspondência. O requerimento foi negado pela Pró-Reitoria, com a justificativa de que o sigilo de informações pessoais é preservado por lei, portanto, não poderiam ser divulgadas.

Em seguida, foi solicitada à Coordenação do CGE/UFPI a lista nominal dos egressos, a qual foi atendida, após liberação da Chefia do Departamento de Enfermagem. Não foram fornecidas informações particulares dos egressos, como endereço, telefone, ou e-mail, apenas era possível verificar o ano de ingresso, o ano de conclusão, e o nome completo do egresso.

Etapa II: Procura e localização dos egressos

Iniciaram-se as buscas no Departamento de Enfermagem da UFPI para encontrar egressos que mantinham vínculo com a instituição, inseridos nas pós-graduações ou no corpo docente. Procurou-se também por meio de redes sociais de internet, como facebook e twitter. A localização de um egresso também possibilitou encontrar outros que fossem do mesmo convívio social.

Etapa III: Envio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Após o contato com o egresso e o aceite de participação na pesquisa, foi apresentado o TCLE (ANEXO A), e foi solicitada ao participante a assinatura e devolução do documento, em encontro pessoal ou através de e-mail, sendo essa última feita por meio de assinatura digitalizada.

Etapa IV: Aplicação do Instrumento

A aplicação do questionário foi realizada pela mestranda do Departamento de Enfermagem da UFPI, sob a supervisão da orientadora da pesquisa, no período de maio a setembro de 2013, após a aprovação do projeto de pesquisa no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

Antes de iniciar essa etapa, realizou-se o pré-teste do instrumento no universo local, aplicado com quatro egressos do CGE/UFPI formados no ano de 2012, que não fizeram parte da amostra, com o objetivo de aperfeiçoar o instrumento, o que resultou em algumas adaptações, como exclusão das variáveis referentes ao número e idade dos filhos, local de residência antes do curso e observação de situações que precisavam ser mudadas no ambiente de trabalho.

Foi priorizada a entrega e recolhimento do questionário pessoalmente àqueles que residiam em Teresina. Àqueles estabelecidos em outras cidades, o questionário foi enviado por *e-mail*, junto a uma carta-convite instrutiva. Alguns egressos que moravam na capital optaram por participar da pesquisa por correio eletrônico, devido à pouca disponibilidade para o encontro pessoal.

Para os egressos que não devolviam o questionário no prazo estabelecido, realizavam-se mais três tentativas de contato para a devolução do instrumento respondido; caso não houvesse êxito, partia-se para outro participante.

3.5 Análise Estatística

O processamento e análise dos dados foram realizados pelo SPSS para Windows versão 18.0. Para análise dos dados, foi construído um banco de dados em uma planilha do Excel 2010 para Windows e realizada uma dupla digitação pela própria pesquisadora. Após a digitação, os dados foram validados com o objetivo de conferir erros através do programa Epi-Info versão 7.0.

Realizou-se a análise descritiva, por meio de média e desvio-padrão das variáveis quantitativas e proporções para as variáveis qualitativas. Foi aplicado o teste o *Kolmogorov-Smirnov* para verificar a tendência de normalidade das variáveis renda individual e quantidade de empregos.

O teste de *Mann-Whitney* foi utilizado na verificação de diferenças entre duas médias, e a correlação de *Spearman* foi aplicada para correlacionar as variáveis.

Na análise de associação, as seguintes variáveis foram recategorizadas, para uma melhor análise das mesmas:

- a) Contribuição do curso para atuar utilizando o processo de enfermagem/SAE: Nenhuma/pouca, Média e Grande/Muito grande
- b) Contribuição para educação continuada: Nenhuma/pouca, Média e Grande/Muito grande
- c) Contribuição para a participação em entidades de classe: Nenhuma/pouca, Média e Grande/Muito grande

Para verificar associação entre as variáveis foi utilizado o qui-quadrado de Pearson (χ^2). Em todas as análises realizadas foi utilizado o nível de significância de 5%.

3.6 Aspectos Éticos e Legais

Por se tratar de estudo envolvendo seres humanos, o projeto desta pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFPI, em 26/09/12, e obteve o parecer favorável para execução, em 24/04/13, sob o protocolo de aprovação CAAE (Certificado de Apresentação para Apreciação Ética) nº 08367212.9.0000.5214 (ANEXO B).

Os aspectos éticos foram contemplados, visto que se realizou o estudo de acordo com a resolução 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS) (BRASIL, 2012). A participação no estudo foi voluntária e sigilosa, sem identificação dos egressos que responderam ao questionário. Os participantes foram esclarecidos previamente sobre a finalidade da pesquisa, bem como em relação ao anonimato.

4 RESULTADOS

4.1 Perfil socioeconômico e demográfico

Na Tabela 1, verifica-se que 70,2% dos egressos são do sexo feminino, 76,9% declararam-se solteiros, 92,2% não possuem filhos e 78,8% têm residência fixada na capital. A média de idade dos participantes foi de 26,4 anos. Quanto à renda mensal, houve variedade na frequência das respostas, com média de 3.409,80 reais.

Tabela 1. Distribuição dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 segundo as características sociodemográficas (n=104). Teresina-PI, 2013.

Variáveis	N	%
Sexo		
Masculino	31	29,8
Feminino	73	70,2
Faixa etária		
20-25 anos	40	38,5
26-30 anos	57	54,8
≥30 anos	07	6,7
Média (D.P)	26,4 (3,0)	
Min-Max	23-45	
Estado civil		
Solteiro(a)/Divorciado(a)/Viúvo(a)	80	76,9
Casado(a)/União estável	24	23,1
Possui filhos		
Sim	08	7,8
Não	96	92,2
Residência atual		
Capital	82	78,8
Interior do Estado	06	5,8
Outros Estados	16	15,4
Renda individual		
< 2 SM	07	6,7
2 a <4 SM	26	25,0
4 a <6 SM	26	25,0
≥ 6 SM	27	26,0
Não respondido/Não informado	18	17,3
Média (D.P)	3409,80 (1729,2)	
Min-Max	400,00 - 8.500,00	
Total	104	100,0

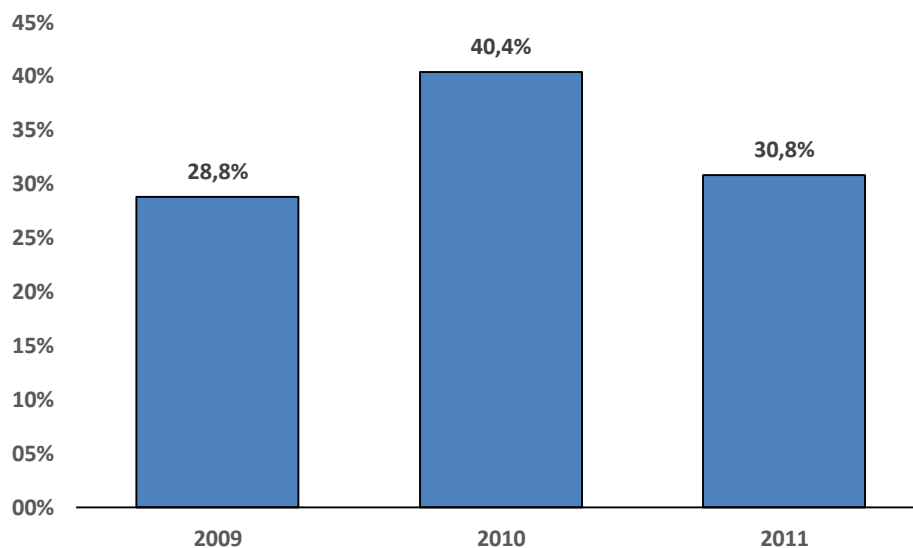
SM: Salário Mínimo (R\$=678,00); D.P: Desvio Padrão; Min-Max: Mínimo-Máximo

4.2 Formação acadêmica e continuada

4.2.1 Formação acadêmica

Com relação ao ano de conclusão da graduação, observa-se na Figura 1 que a maioria dos egressos entrevistados concluiu o curso em 2010 (40,4%). Entre os demais, 30,8% eram concludentes de 2011, e 28,8% de 2009.

Figura 1. Distribuição dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 segundo o ano de conclusão da graduação (n=104). Teresina-PI, 2013.



Ao investigar sobre a realização de atividades complementares durante a graduação, observou-se que a participação em projetos e cursos de extensão e as monitorias foram as mais frequentes dentre as realizadas pelos egressos, com 84,6% e 78,8% respectivamente (Tabela 2). A realização de estágios não obrigatórios e a participação em programas de iniciação científica também estiveram presentes na vida acadêmica dos egressos, citadas por 51,9% e 45,2% dos participantes, respectivamente.

As outras atividades complementares, representadas por 18,4%, incluíram participação no centro acadêmico, participação em eventos técnico-científicos, curso de línguas, participação em liga acadêmica, participação em campanha de vacinação, organização de eventos científicos, publicação de trabalho científico,

representação discente no colegiado e estágio não obrigatório de outro curso. Os que relataram não participar de nenhuma atividade corresponderam a 1,9%.

Tabela 2. Distribuição das atividades complementares dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 realizadas durante a graduação. (n=104). Teresina-PI, 2013.

Atividades #	n	%
Projetos e cursos de extensão	88	84,6
Monitorias	82	78,8
Estágios extracurriculares	54	51,9
Programas de iniciação científica	47	45,2
Grupos de pesquisa	31	29,8
Outras atividades	19	18,3
Não participou	02	1,9

Resposta Múltipla.

4.2.2 Formação continuada

Na Tabela 3, observa-se que dentre os 104 participantes da pesquisa, 82,7% fizeram ou fazem pós-graduação. Desses, 68,6% têm especialização concluída. Acerca das outras modalidades de pós-graduação realizadas, o mestrado foi o mais citado, com 18,6% de egressos com o curso em andamento e 4,7% com mestrado concluído. Apenas 1,2% mencionou o doutorado, ainda em andamento. A residência foi citada por 5,9% dos indivíduos, a maioria não concluída. Os cursos de aperfeiçoamento profissional foram realizados por 65,4% dos participantes.

Tabela 3. Distribuição dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 quanto à realização de pós-graduação e cursos de aperfeiçoamento (n=104). Teresina-PI, 2013.

Variáveis	n	%
Fez/Faz pós-graduação		
Sim	86	82,7
Não	18	17,3
Pós-graduação # *		
Especialização (360h) concluída	59	68,6
Especialização em andamento	26	32,6
Residência concluída	01	1,2
Residência em andamento	04	4,7

(Continuação) Tabela 3. Distribuição dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 quanto à realização de pós-graduação e cursos de aperfeiçoamento (n=104). Teresina-PI, 2013.

Variáveis	n	%
Mestrado concluído	04	4,7
Mestrado em andamento	16	18,6
Doutorado em andamento	01	1,2
Fez curso de aperfeiçoamento		
Sim	68	65,4
Não	36	34,6

Resposta Múltipla; * Percentuais referentes à quantidade de participantes que fez/faz pós-graduação (n=86).

A participação em eventos científicos foi citada por 51% dos pesquisados, e a média de tempo decorrido da participação no último evento, no momento da pesquisa, foi de 11 meses (Tabela 4).

Tabela 4. Distribuição dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 quanto à participação em eventos científicos (n=104). Teresina-PI, 2013.

Variáveis	n	%
Participação em eventos científicos		
Sim	53	51,0
Não	51	49,0
Tempo decorrido do último evento científico (meses)		
Média (D.P)	11,0 (11,1)	
Min-Max	48 - 1	
Total	104	100,0

D.P: Desvio Padrão; Min-Max: Mínimo-Máximo.

Ao investigar as atividades de pesquisa realizadas pelos egressos, após a graduação, verificou-se que 68,7% fizeram algum trabalho científico, com uma média de quatro trabalhos por participante. Quanto à divulgação, 26,2% mencionaram que não divulgaram trabalhos, enquanto os que divulgaram, o fizeram com mais frequência em eventos científicos (62,3%) e em periódicos (34,4%) (Tabela 5).

Tabela 5. Distribuição das atividades de pesquisa realizadas pelos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 após a graduação (n=104). Teresina-PI, 2013.

Variáveis	n	%
Realizou trabalho científico		
Sim	61	68,7
Não	43	31,3
Número de trabalhos científicos *		
1-3	43	70,5
4-7	11	18,0
>7	07	11,5
Média (D.P)	4,0 (7,0)	
Min-Max	51 - 1	
Divulgação de trabalhos científicos #		
Divulgou em evento científico	38	62,3
Divulgou em periódicos	21	34,4
Submetido em periódicos aguardando parecer	11	18,0
Não divulgou	16	26,2

D.P: Desvio Padrão; * Percentuais referentes à quantidade de participantes que realizou algum trabalho científico após a graduação (n=61); # Resposta Múltipla.

No momento da coleta de dados, 14,4% dos egressos afirmaram que estavam cursando outra graduação e, dentre as citadas, a graduação em medicina foi a mais frequente, referida por 40% desse universo; seguida de Direito, com 20% (Tabela 6).

Tabela 6. Distribuição dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 participantes da pesquisa quanto ao segundo curso de graduação em andamento (n=15). Teresina-PI, 2013.

Curso de graduação	n	%
Medicina	06	40,0
Direito	03	20,0
Tecnologia em radiologia	01	6,7
Ciências Biológicas	01	6,7
Fisioterapia	01	6,7
Farmácia	01	6,7
Arquitetura	01	6,7
Estatística	01	6,7
Total	15	100,0

4.3 Inserção no mercado de trabalho, atuação e realização profissional

Quanto à atuação profissional, 74,0% dos egressos estavam trabalhando como enfermeiro, e 13,4% desenvolviam atividades laborais em outras áreas. Dois egressos já trabalharam como enfermeiro, mas não exerciam a profissão no momento da coleta de dados. Encontrou-se, ainda, 19,2% dos egressos que não estavam envolvidos em nenhuma atividade laboral (Tabela 7).

Tabela 7. Distribuição dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 segundo a atividade profissional (n=104). Teresina-PI, 2013.

Atividade profissional	n	%
Trabalha como enfermeiro	77	74,0
Trabalha como enfermeiro e em outra atividade	07	6,7
Trabalha em outra atividade e não atua como enfermeiro	07	6,7
Não trabalha	20	19,2

Com relação às outras atividades profissionais citadas pelos participantes, houve referências a ocupações distintas, tais como docência em Ciências Biológicas (21,4%), Tecnólogo em Radiologia (14,3%), Assistente administrativo (14,3%), dentre outras em menores proporções (Tabela 8).

Tabela 8. Distribuição dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 segundo as outras atividades profissionais (n=14). Teresina-PI, 2013.

Ocupação	n	%
Docente em Ciências Biológicas	03	21,4
Tecnólogo em Radiologia	02	14,3
Assistente administrativo	02	14,3
Representante de material hospitalar	01	7,1
Agente penitenciário	01	7,1
Fisioterapeuta	01	7,1
Odontólogo	01	7,1
Empresário	01	7,1
Comerciante	01	7,1
Agropecuário	01	7,1
Total	14	100,0

Na tabela 9, verifica-se que 70,9% dos egressos que atuavam como enfermeiro possuíam apenas um emprego no momento da coleta de dados, e 26,7% possuíam dois ou mais empregos. Quanto ao somatório de vínculos empregatícios que já tiveram, incluindo os atuais, observou-se que 57,0% já passaram por dois a quatro empregos, 30,4% passaram apenas por um emprego, e 12,7% vincularam-se a mais de cinco empregos.

Tabela 9. Distribuição dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 segundo o número de empregos anteriores e atuais (n=79). Teresina-PI, 2013.

Variáveis	n	%
Número de empregos atuais		
Nenhum	02	2,5
Um	49	62,0
Dois ou mais	28	35,4
Número de empregos que já teve		
Um	24	30,4
2-4	45	57,0
5-7	10	12,7
Média (D.P)	3,0 (1,5)	
Min-Max	1 – 7	

Os egressos mencionaram um total de 196 empregos como enfermeiro, entre antigos e atuais. O vínculo na área Hospitalar foi o mais frequente, com 46,4%; seguido das áreas de Saúde Pública (23,5%) e Ensino Profissionalizante (16,3%). A média de tempo de permanência no emprego foi de 12,7 meses, e a capital do Estado foi a mais citada como local de atuação profissional (46,4%) (Tabela 10).

Tabela 10. Áreas de atuação profissional, local e tempo de permanência no emprego dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 que atuam/atuaram como enfermeiro (n=79). Teresina-PI, 2013.

Variáveis	n	%
Área de atuação		
Hospitalar	91	46,4
Saúde pública	46	23,5
Ensino profissionalizante	32	16,3

(Continuação) Tabela 10. Áreas de atuação profissional, local e tempo de permanência no emprego dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 que atuam/atuaram como enfermeiro (n=79). Teresina-PI, 2013.

Variáveis	n	%
Ensino superior	11	5,6
Ambulatorial	06	3,1
Outra área	10	5,1
Local de atuação		
Capital	91	46,4
Interior	47	24,0
Outro Estado	31	15,8
Não respondeu/Não informado	27	13,8
Período de permanência (meses)		
Média (D.P)	12,7 (3,9)	
Min-Max	1 - 53	
Total	196	100,0

Quanto à atividade predominante na atuação profissional dos egressos, a função assistencial foi referida com maior frequência, mencionada por 77,2% dos participantes da pesquisa. As atividades gerenciais e de ensino ficaram ambas com 16,5% (Tabela 11).

Tabela 11. Distribuição dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 quanto às atividades predominantes na atuação profissional (n=79). Teresina-PI, 2013.

Atuação profissional #	n	%
Assistencial	61	77,2
Gerencial	13	16,5
Ensino	13	16,5
Outras	04	5,1

Resposta Múltipla.

Os egressos foram questionados quanto à execução da Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) no seu ambiente de trabalho. 65,8% afirmaram realizá-la, como se observa na Tabela 13. Foi questionado, ainda, dentre os que afirmaram realizar a SAE, quais etapas executavam, e obteve-se 100% de respostas afirmativas para a fase do “Histórico/Coleta de dados”, 84,6% para “Planejamento”,

80,8% para Prescrição/Implementação, 69,2% para “Avaliação”, e, por último, “Diagnóstico”, com 65,4% de frequência (Tabela 12).

Tabela 12. Distribuição dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 quanto à realização da SAE (n=79). Teresina-PI, 2013.

Variáveis	n	%
Realização da SAE		
Sim	52	65,8
Não	19	24,1
Não respondeu/Não informado	08	10,1
Etapas da SAE # *		
Histórico/Coleta de dados de Enfermagem	52	100,0
Diagnóstico de Enfermagem	34	65,4
Planejamento	44	84,6
Implementação/Prescrição de Enfermagem	42	80,8
Avaliação/Evolução de Enfermagem	36	69,2

Resposta Múltipla; * Percentuais referentes à quantidade de participantes que afirmaram realizar a SAE (n= 52).

Na Tabela 13, verifica-se que a realização de atividades em equipe multiprofissional foi mencionada por 65,8% dos egressos, e as atividades na comunidade representaram 57,0%.

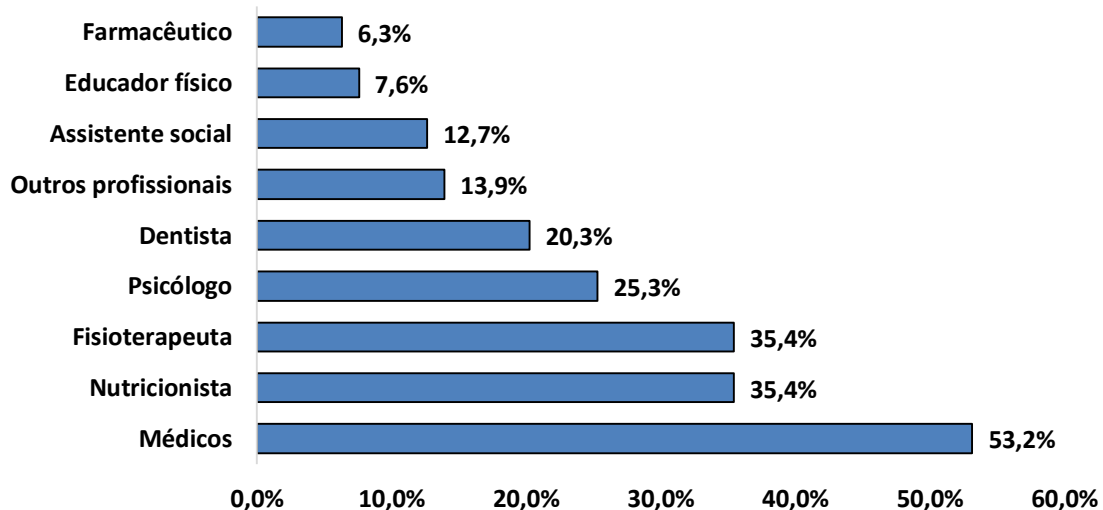
Tabela 13. Distribuição dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 quanto à realização de atividades em equipe multiprofissional e na comunidade (n=79). Teresina-PI, 2013.

Variáveis	n	%
Atividades em equipe multiprofissional		
Sim	52	65,8
Não	27	34,2
Atividades na comunidade		
Sim	45	57,0
Não	34	43,0
Total	79	100,0

Ao se indagar aos egressos com quais profissionais realizavam as atividades em equipe multiprofissional, os médicos foram os mais citados, com 53,2%, seguidos dos nutricionistas e fisioterapeutas, ambos com 35,4%; psicólogos com

25,3% e dentistas com 20,3%. Foram citados, ainda, em menores proporções, assistentes sociais, educadores físicos e farmacêuticos (Figura 2).

Figura 2. Distribuição dos profissionais citados pelos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 com os quais realizam atividades em equipe multiprofissional (n=79). Teresina-PI, 2013.



Acerca da participação dos egressos em entidades de classe, encontrou-se igualmente 20,3% de enfermeiros que eram vinculados à ABEn e a Sindicatos, e 60,8% afirmaram não ser associado a nenhuma entidade de classe (Tabela 14).

Tabela 14. Distribuição dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 quanto à associação em entidades de classe (n=79). Teresina-PI, 2013.

Entidades de classe #	n	%
ABEn	16	20,3
Sindicato	16	20,3
Outras	01	1,3
Nenhuma	48	60,8

Resposta Múltipla.

No cotidiano do trabalho, os egressos referiram solucionar déficits de conhecimento de diversas formas, mas a pesquisa em internet e em livros apareceram como as mais citadas, com 81,0% e 79,7% respectivamente. A consulta a colegas de profissão, a outros profissionais da equipe e a pesquisa em periódicos

também tiveram frequências significativas, referidas por mais da metade dos entrevistados (Tabela 15).

Tabela 15. Distribuição dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 quanto aos métodos utilizados para sanar déficits de conhecimento no dia a dia (n=79). Teresina-PI, 2013.

Métodos utilizados #	n	%
Pesquisa na internet	64	81,0
Pesquisa em livros	63	79,7
Consulta colegas de profissão	51	64,6
Consulta outros profissionais da equipe de saúde	46	58,2
Pesquisa em periódicos	41	51,9
Outros métodos	03	3,8

Resposta Múltipla.

Quando questionados sobre a escolha da profissão de enfermeiro, 74% dos participantes afirmaram que haviam acertado. Ao se indagar quanto ao sentimento de realização profissional, 51,0% responderam que se sentiam realizados atuando como enfermeiro, e 34,6% negaram essa resposta. Nas duas questões, uma pequena parcela (2,3%) não tinha certeza da resposta (Tabela 16).

Tabela 16. Distribuição dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 quanto à opinião sobre a escolha e realização profissional como enfermeiro (n=104). Teresina-PI, 2013.

Variáveis	n	%
Acertou na escolha da profissão		
Sim	77	74,0
Não	24	23,1
Parcialmente/Não sabe	03	2,9
Sente-se realizado profissionalmente		
Sim	53	51,0
Não	36	34,6
Parcialmente/Não sabe	03	2,9
Não respondeu	12	11,5
Total	104	100,00

Para os egressos que afirmaram não ter acertado na escolha da profissão e que não sentiam realização profissional como enfermeiro, as razões justificadas para

essa percepção foram semelhantes, e a falta de reconhecimento profissional e a baixa remuneração foram os motivos mais citados, como se observa na Tabela 17.

Tabela 17. Distribuição dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 quanto ao motivo justificado para não ter acertado na escolha profissional e não se sentir realizado como enfermeiro (n= 79). Teresina-PI, 2013.

Motivos #	Não acertou na escolha da profissão*		Não se sente realizado**	
	n	%	n	%
Falta de reconhecimento profissional	14	58,3	28	77,8
Baixa remuneração	11	45,8	24	66,7
Condições de trabalho ruins	07	29,2	17	47,2
Mercado de trabalho saturado	05	20,8	01	2,8
Outros motivos	15	62,5	17	47,2

* Percentuais referentes à quantidade de participantes que relatou não ter acertado na escolha da profissão de enfermeiro (n=24); ** Percentuais referentes à quantidade de participantes que relatou não se sentir realizado como enfermeiro (n=36); # Resposta múltipla.

4.4 Contribuições do CGE/UFPI para a atuação profissional

As maiores contribuições do Curso de Graduação em Enfermagem da UFPI, referidas espontaneamente pelos egressos, estão listadas na Tabela 18. A “Base de conhecimentos” adquiridos na graduação foi a contribuição mais citada, com 27,9%; seguida do “Incentivo à participação em pesquisas”, com 24%. “Ter visão crítica da realidade” e “Ter visão humanizada e holística do paciente” apareceram com 15,4% e 13,5% respectivamente. O “Incentivo ao aperfeiçoamento e à educação continuada” também foi citado por 13,5% dos egressos. A presença de “Docentes qualificados” e a “Participação em cursos, projetos e estágios de extensão” foram levantadas por 11,5% dos egressos. Em menores proporções, foram citados “Participação no centro acadêmico” (1,9%), “Capacidade para atuar em equipe multidisciplinar” (2,9%), “Atuar utilizando a SAE” (2,9%), “Ser agente transformador da realidade” (3,8%) e “Atuar respeitando os princípios éticos” (4,8%).

Tabela 18. Contribuições do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 na opinião dos egressos participantes da pesquisa (n=104). Teresina-PI, 2013.

Contribuições	n	%
Base de conhecimentos repassados	29	27,9
Incentivo à participação em pesquisas	25	24,0
Ter visão crítica da realidade	16	15,4
Ter visão humanizada e holística do paciente	14	13,5
Incentivo à educação continuada	14	13,5
Docentes qualificados	12	11,5
Participação em cursos e projetos de extensão	12	11,5
Campos de estágios	11	10,6
Influência positiva no mercado de trabalho por ser egresso da UFPI	09	8,7
Atividades extracurriculares	06	5,8
Atuar respeitando os princípios éticos	05	4,8
Ser agente transformador da realidade	04	3,8
Capacidade para atuar em equipe multidisciplinar	03	2,9
Atuar utilizando a SAE	03	2,9
Participação no Centro Acadêmico	02	1,9

A contribuição do Curso de Graduação em Enfermagem da UFPI também foi questionada de forma estimulada, em que o participante atribuía de ‘nenhuma’ a ‘grande contribuição’ para algumas competências profissionais. Observa-se, na Tabela 19, que nove das 13 competências listadas obtiveram maior porcentagem na categoria ‘grande contribuição’, variando de 29,8% (“Desenvolver pesquisa científica”) a 45,2% (“Ter visão crítica da realidade”). “Aprender por iniciativa própria” e “Respeitar os princípios éticos e legais” tiveram predominância de respostas na categoria de contribuição ‘muito grande’. Já as competências “Atuar na gerência de enfermagem” e “Participar de entidades de classe” obtiveram maior frequência de respostas na categoria ‘média’.

Tabela 19. Respostas por categoria de contribuição (‘nenhuma’ a ‘muito grande’) do curso para as principais competências questionadas, na opinião dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 participantes da pesquisa (n=104). Teresina-PI, 2013.

Competências	Nenhuma	Pouca	Média	Grande	Muito Grande
	%	%	%	%	%
Aprender por iniciativa própria	2,9	1,9	6,7	35,6	52,9

(Continuação) Tabela 19. Respostas por categoria de contribuição ('nenhuma' a 'muito grande') do curso para as principais competências questionadas, na opinião dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 participantes da pesquisa (n=104). Teresina-PI, 2013.

Competências	Nenhuma	Pouca	Média	Grande	Muito Grande
	%	%	%	%	%
Ter visão crítica da realidade	2,9	8,7	18,3	45,2	25,0
Atuar na assistência de enfermagem	2,9	2,9	19,2	43,3	31,7
Ser agente transformador da realidade	3,8	8,7	25,0	39,4	23,1
Atuar em equipe multiprofissional	3,8	5,8	28,8	40,4	21,2
Atuar utilizando o processo de enfermagem/SAE	4,8	12,5	16,3	42,3	24,0
Investir na educação continuada	4,8	5,8	17,3	41,3	30,8
Atuar na comunidade	5,8	9,6	36,5	40,4	7,7
Desenvolver pesquisa científica	5,8	9,6	27,9	29,8	26,9
Atuar na gerência de enfermagem	6,7	24,0	32,7	24,0	12,5
Atuar no ensino em enfermagem	7,7	8,7	29,8	33,7	20,2
Participar de entidades de classe	14,4	31,7	33,7	15,4	4,8

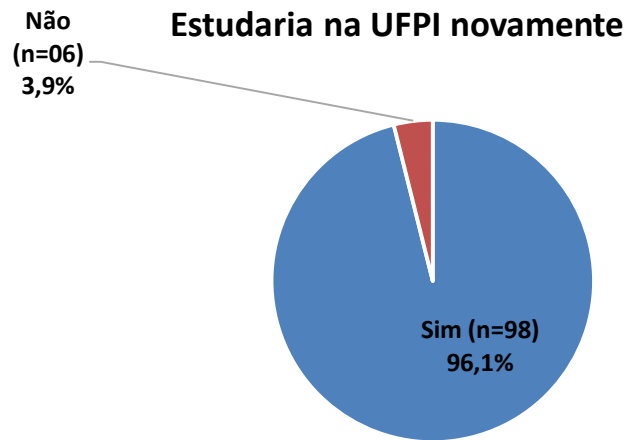
Na tabela 20, verificam-se as contribuições negativas do Curso de Graduação em Enfermagem da UFPI, levantadas espontaneamente pelos egressos, que referiram "Professores sem experiência prática" e "Professores desatualizados ou desinteressados", com 5,8% e 3,8% de frequência, respectivamente. Houve ainda 3,8% de egressos que referiram que o Curso não lhes resultou em nenhuma contribuição.

Tabela 20. Contribuições negativas do curso de graduação em enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 na opinião dos egressos participantes da pesquisa (n=104). Teresina-PI, 2013.

Contribuições negativas	n	%
Professores sem experiência prática	06	5,8
Nenhuma contribuição	04	3,8
Professores desatualizados ou desinteressados	04	3,8
Estágios insuficientes	02	1,9

Os egressos foram questionados se estudariam novamente na UFPI, e a maioria entrevistada, 96,1%, afirmou que sim (Figura 3).

Figura 3. Distribuição dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí 2009-2011 participantes da pesquisa quanto a estudar novamente na UFPI, na pós-graduação (n=104). Teresina-PI, 2013.



4.5 Associação entre variáveis

Ao verificar se havia associação entre as variáveis 'ano de conclusão da graduação' e 'trabalha como enfermeiro', obteve-se $p > 0,05$ (p -valor=0,148), como se observa na tabela 21, evidenciando que não houve relação estatística significativa.

Tabela 21. Associação entre as variáveis 'ano de conclusão da graduação' e 'trabalha como enfermeiro'.

Ano de conclusão da graduação	Trabalha como enfermeiro				P*
	Sim		Não		
	n	%	n	%	
2009	26	33,8	04	14,8	0,148
2010	30	39,0	12	44,4	
2011	21	27,3	11	40,7	

*Teste Qui-quadrado de Pearson (χ^2)

Quanto à relação entre participar de programas de iniciação científica e realizar trabalhos científicos, a associação foi estatisticamente significativa, com $p < 0,05$ (p -valor=0,001) (Tabela 22). Em relação à comparação da média da renda individual e 'sentir-se realizado profissionalmente, visualiza-se, na Tabela 23, que não houve relação estatística significativa, com $p > 0,05$ (p -valor=0,091).

Tabela 22. Associação entre as variáveis ‘realizou trabalho científico’ e ‘participou de programas de iniciação científica’.

Realizou trabalho Científico	Participou de programas de iniciação científica				P*
	Sim		Não		
	n	%	n	%	
Não	11	23,4	32	56,1	0,001
Sim	36	76,6	25	43,9	

*Teste Qui-quadrado de Pearson (χ^2)

Tabela 23. Comparação em média da renda individual em salários mínimos segundo se sente realizado profissionalmente.

Sente-se realizado profissionalmente	Renda individual em salários mínimos		P*
	Média	D.P	
Não	3753,7	1810,8	0,091
Sim	3022,3	1569,5	

* Teste *Mann-Whitney*

A Tabela 24 mostra a correlação entre as variáveis ‘renda individual em salários mínimos’ e ‘número de empregos atuais’, e observa-se que houve correlação positiva entre as variáveis, com $p < 0,05$ ($p\text{-valor} < 0,001$).

Tabela 24. Correlação de *Spearman* entre ‘renda individual em salários mínimos’ com a ‘quantidade de empregos’ ($r=0,491$ e $p < 0,001$).

	Quantidade de empregos	
	r	p
Renda individual em salários mínimos	0,491	<0,001

$r > 0,3$: correlação moderada.

Foi investigado se havia associação entre as variáveis ‘contribuição do curso para atuar utilizando o processo de enfermagem/SAE’ e ‘atuação profissional assistencial’ com a ‘realização da SAE’, e obteve-se $p > 0,05$ nas duas hipóteses ($p\text{-valor} = 0,183$ e $p\text{-valor} = 0,308$), o qual não indicou relação estatística (Tabela 25).

Acerca da associação entre a ‘realização de atividades em equipe multiprofissional’ e ‘áreas de atuação hospitalar e saúde pública’, não se verificou relação estatisticamente significativa. Entretanto, ao se verificar a associação entre a ‘realização da SAE’ e essas áreas de atuação, houve associação com a ‘área hospitalar’, com $p < 0,05$ ($p\text{-valor} = 0,047$) (Tabelas 26 e 27).

Tabela 25. Associação entre 'contribuição do curso para atuar utilizando o processo de enfermagem/SAE' e 'atuação profissional assistencial predominante' com 'realização da SAE'.

	Realização da SAE				P*
	Sim		Não		
	n	%	n	%	
Contribuição do curso para atuar utilizando o processo de enfermagem/SAE					
Nenhuma/Pouca	04	7,7	04	21,1	0,183
Média	10	19,2	05	26,3	
Grande/Muito grande	38	73,1	10	52,6	
Atuação profissional assistencial predominante					
Não	06	11,5	04	21,1	0,308
Sim	46	88,5	15	78,9	

*Teste Qui-quadrado de Pearson (χ^2)

Tabela 26. Associação entre realização de atividades em equipe multiprofissional, realização da SAE e área de atuação hospitalar.

	Área de atuação hospitalar				P*
	Sim		Não		
	n	%	n	%	
Realização de atividades em equipe multiprofissional					
Não	21	39,1	06	23,1	0,145
Sim	32	60,4	20	76,9	
Realização da SAE					
Não	10	20,0	09	42,9	0,047
Sim	40	80,0	12	57,1	

*Teste Qui-quadrado de Pearson (χ^2)

Tabela 27. Associação entre realização de atividades em equipe multiprofissional, realização da SAE e área de atuação saúde pública.

	Área de atuação saúde pública				P*
	Sim		Não		
	n	%	n	%	
Realização de atividades em equipe multiprofissional					
Não	09	25,7	18	40,9	0,157
Sim	26	74,3	26	59,1	

(Continuação) Tabela 27. Associação entre realização de atividades em equipe multiprofissional, realização da SAE e área de atuação saúde pública.

	Área de atuação saúde pública				P*
	Sim		Não		
	n	%	n	%	
Realização da SAE					
Não	10	30,3	09	23,7	0,530
Sim	23	69,7	29	76,3	

*Teste Qui-quadrado de Pearson (χ^2)

A relação entre a 'área de atuação hospitalar e saúde pública' e 'média de renda individual' foi pesquisada, porém não se obteve confirmação estatística, com $p > 0,05$, nas duas situações (p -valor=0,192 e p -valor=0,290) (Tabela 28).

Tabela 28. Comparação em média da renda individual em salários mínimos segundo área de atuação profissional (Teste *Mann-Whitney*).

Área de atuação	Renda individual em salários mínimos		P*
	Média	D.P	
Hospitalar			
Não	3180,2	1951,9	0,192
Sim	3720,8	1623,3	
Saúde Pública			
Não	3375,5	1689,2	0,290
Sim	3790,1	1804,4	

* Teste *Mann-Whitney*.

Com relação à 'contribuição do curso para a educação continuada', foi verificado se havia associação com a variável 'fez/faz curso de pós-graduação', e verificou-se relação estatisticamente significativa, com $p < 0,05$ (p -valor=0,002) (Tabela 29).

Ao verificar se havia associação com a 'contribuição para participação em entidades de classe' e 'participação em entidades de classe', não houve relação estatística significativa, com $p > 0,05$ ($p=0,919$) (Tabela 30).

Tabela 29. Associação entre ‘contribuição para educação continuada’ e ‘fez/faz curso de pós-graduação’.

Contribuição para a educação continuada	Fez/Faz curso de pós-graduação				P*
	Sim		Não		
	N	%	n	%	
Nenhuma/Pouca	06	7,0	05	27,8	0,002
Média	12	14,0	06	33,3	
Grande/Muito grande	68	79,1	07	38,9	

*Teste Qui-quadrado de Pearson (χ^2)

Tabela 30. Associação entre ‘Contribuição para participação em entidades de classe’ e ‘Participação em entidades de classe’.

Contribuição para participação em entidades de classe	Participação em entidades de classe				P*
	Sim		Não		
	N	%	n	%	
Nenhuma/Pouca	14	45,2	21	43,8	0,919
Média	11	35,5	19	39,6	
Grande/Muito grande	06	19,3	08	16,7	

*Teste Qui-quadrado de Pearson (χ^2)

Pesquisou-se, ainda, relação entre a ‘participação no Centro Acadêmico’ e ‘Participação em entidades de classe’, e não se verificou associação estatística significativa, com $p > 0,05$ ($p\text{-valor} = 0,591$) (Tabela 31).

Tabela 31. Associação entre ‘participação no Centro Acadêmico’ e ‘Participação em entidades de classe’.

Participação no Centro Acadêmico	Participação em entidades de classe				P*
	Sim		Não		
	N	%	n	%	
Não	28	93,3	44	89,8	0,591
Sim	02	6,7	05	10,2	

*Teste Qui-quadrado de Pearson (χ^2)

5 DISCUSSÃO

Quanto ao perfil socioeconômico e demográfico dos egressos, há relação com os resultados de outros estudos, como os trabalhos de Passos *et al.* (2013) e Souza e Miyadahira (2012), que abordaram egressos de enfermagem que tinham entre dois a seis anos de formação, e seus resultados trouxeram um perfil de maioria jovem, feminina, solteira e sem filhos.

O predomínio de mulheres na enfermagem é algo que já se espera, pois é uma realidade imbricada no passado histórico dessa profissão. No entanto, a presença masculina na enfermagem encontra-se crescente, de forma que neste estudo, considerável parcela de participantes era do sexo masculino, evidenciando a entrada dos homens na enfermagem, que não é mais tímida como algum tempo atrás.

Sobre a maior frequência de enfermeiros solteiros e sem filhos, esse estudo corrobora o pensamento dos pesquisadores que estudaram essa temática, como Passos *et al.* (2013) e Souza e Miyadahira (2012), em que as mulheres, e nesta pesquisa, também os homens, estão adiando cada vez mais casamento e filhos, para priorizar inicialmente a carreira.

Com relação à idade dos participantes, as faixas etárias predominantes no estudo demonstram o predomínio de adultos jovens entre os egressos. Tal fato indica que o ingresso no CGE/UFPI aconteceu antes dos vinte anos para a maioria dos entrevistados.

A essa situação atribui-se que o horário de funcionamento do Curso de Enfermagem em tempo integral impossibilita prováveis alunos que trabalham de inscreverem-se nessa graduação; ingressantes mais jovens, que ainda não estão inseridos no mercado de trabalho, acabam preenchendo as vagas e prosseguindo no curso.

Dessa maneira, infere-se que os alunos escolhem a graduação em enfermagem como uma opção para o ingresso na universidade nos primeiros anos, após concluírem o ensino médio. Na pesquisa de Zborowski *et al.* (2009), 65% dos egressos afirmaram que a enfermagem foi a primeira opção profissional, e o restante, 35%, citaram como primeira opção: medicina, psicologia, educação física, entre outras.

Dentre os locais de residência mencionados pelos participantes, destacou-se a cidade de Teresina, fato que pode ser atribuído à maior concentração de oportunidades de empregos encontrada na capital.

Quanto à remuneração média mensal encontrada entre os entrevistados, de R\$ 3.409,80, verifica-se que está acima da média nacional obtida pelo Ipea (2013), que variou de 2.829,28 a 3.096,90 para a profissão de enfermeiro, calculada no ano de 2012.

Em relação às atividades complementares realizadas pelos egressos deste estudo durante a graduação, distinguiram-se os estágios extracurriculares e as atividades de ensino, pesquisa e extensão, representadas pelas monitorias, programas de iniciação científica, grupos de pesquisa e projetos e cursos de extensão.

Algumas dessas atividades são investigadas periodicamente pelo Enade, que avalia e divulga o desempenho dos estudantes de graduação nacionalmente. A última análise envolvendo estudantes de graduação em enfermagem ocorreu em 2010 (INEP, 2010), e seus resultados mostraram algumas frequências menores que as encontradas neste estudo, como as práticas de monitorias (30,2%) e de projetos de extensão (51%). Para a atividade de iniciação científica, o resultado foi idêntico ao do Enade, com 45,2%.

Todavia, a pesquisa do Enade não mostra a participação do estudante em outras atividades complementares, como estágios não obrigatórios, que se apresentaram de forma considerável neste estudo, com 51,9% de frequência. É necessário frisar que os egressos desta pesquisa concluíram o curso entre 2009 a 2011, portanto, em 2010 alguns ainda eram alunos do CGE/UFPI, e a comparação com os resultados do Enade/2010 não poderia ser mais oportuna.

Investigação da mesma variável foi realizada por Pierantoni (2008), entre alunos de graduação em enfermagem de IES públicas, que constatou a prática de atividades de pesquisa e extensão com 30,9% e 32,5% respectivamente, frequências aquém das encontradas neste estudo.

Na pesquisa de Carrijo *et al.* (2007), as participações em atividades de extensão (24,4%), monitorias (53,7%) e estágios voluntários (31,7%) também ficaram abaixo dos índices deste estudo; mas obteve frequência maior na participação em projetos de pesquisa, com 85,4%.

Ao levantar esses dados, infere-se que a postura e a atitude do egresso como aluno pode fazer a diferença após a conclusão do curso, visto que a soma de suas experiências resultará em habilidades diferenciadas para sua atuação, e pode ser decisivo na concorrência por um emprego. Além disto, as atividades extracurriculares possibilitam ao egresso uma vivência próxima da realidade, e ajudam a amadurecer sua identidade profissional e senso crítico, com resultados positivos para a qualidade da assistência que prestará como enfermeiro (KRAHL *et al.*, 2009).

Diante da discussão realizada, visualiza-se que a prática de atividades complementares desenvolvidas pelos participantes desta pesquisa demonstrou que tiveram uma postura compromissada com o curso e com a profissão na fase de formação universitária. Destaca-se, ainda, que alguns egressos participaram de mais de uma atividade complementar durante a graduação, adicionando experiências e conhecimentos múltiplos.

Quanto à formação profissional, os egressos deste estudo mostraram preocupação e interesse no seu desenvolvimento, visto que considerável número de participantes fez ou estava fazendo cursos de pós-graduação, como também fizeram cursos de aprimoramento. Dentre as pós-graduações citadas, a inserção em cursos de especialização foi maior, seguida de mestrado e residência.

Esse resultado apresentado é equiparável à pesquisa de Püschel, Inácio e Pucci (2009), que constataram a inserção de 63,4% de enfermeiros egressos em cursos de especialização, seguida de 23,4% de participação em mestrado e, ainda, 5,1% envolvida em doutorado.

As mesmas variáveis também foram pesquisadas por Carrijo *et al.* (2007), que encontraram 68,3% dos egressos de enfermagem de seu estudo envolvidos em cursos de especialização e 7,3% inseridos em mestrado. Outras pesquisas, como a de Zborowski (2009), Souza e Miyadahira (2012), Colenci e Berti (2012) obtiveram índices menores nessas variáveis, entre 52% a 62,5% para especialização, e pouca ou nenhuma entrada em mestrado.

Quanto à participação em cursos de aperfeiçoamento, os egressos do CGE/UFPI foram menos frequentes nessa atividade, ao se comparar com os resultados dos estudos de Souza e Miyadahira (2012) e de Carrijo *et al.* (2007), que obtiveram índices nesta variável de 74,5% e 87,8%, respectivamente.

Nesse aspecto, é importante destacar que a pós-graduação *lato sensu* busca o domínio abrangente e profundo de um campo de conhecimento específico, formando especialistas em uma determinada área da enfermagem, com potencial e capacidade para desenvolver e aplicar pesquisas em sua área de atuação, e deve ter duração mínima de 360 horas. Na pós-graduação *stricto sensu*, há ênfase para a pesquisa e para a formação docente. Ambas trazem como resultados a produção do conhecimento, e a qualificação do profissional e do cuidado prestado (ERDMANN, 2009; BRASIL, 2007).

Com relação aos cursos de aperfeiçoamento, objetivam ampliar conhecimentos em matéria ou conjunto de disciplinas, com duração mínima de 180 horas. Os cursos de aperfeiçoamento foram primeiramente regulamentados pela Resolução do Conselho Federal de Educação nº 14, de 1977, porém, essa resolução foi revogada, e as leis substitutivas passaram a tratar apenas dos cursos de especialização. Portanto, não há lei específica para os cursos de aperfeiçoamento, mas o que se observa no cotidiano é que comumente seguem os padrões primeiramente estabelecidos nessa resolução (BRASIL, 1998, 2007).

Sobre o desenvolvimento profissional dos egressos desta pesquisa, percebe-se que buscaram realizar cursos de especialização com mais frequência, em detrimento dos cursos de aperfeiçoamento. Quando se discute esse resultado com os estudos de Zborowski (2009), Souza e Miyadahira (2012), Colenci e Berti (2012), verifica-se que os cursos de aperfeiçoamento são os mais procurados.

Neste sentido, compreende-se que o vínculo profissional com cursos de pós-graduação não impede a participação em cursos de aperfeiçoamento, mas o foco na pós-graduação entre os alunos do CGE/UFPI evidencia seu distinto desenvolvimento profissional, orientado para formação que lhes deem maior titulação e capacitação.

Porém, chama atenção a discreta participação dos egressos do CGE/UFPI em cursos *stricto sensu*, como mestrado e doutorado, que são cursos importantes para aprofundamentos de pesquisas na área da enfermagem e para a formação de professores (tendo em vista a crescente expansão dos cursos de graduação em enfermagem no Brasil, e a conseqüente necessidade de docentes qualificados). Infere-se que o período de formação dos egressos, de dois a quatro anos, interfere na sua inserção nos cursos de mestrado e doutorado, principalmente porque necessita de preparo intelectual e amadurecimento profissional.

Em outra perspectiva, o mercado de trabalho para a enfermagem apresenta uma ampla variedade de áreas de atuação, e renovação constante de conhecimentos advindos dos avanços tecnológicos em saúde, e requer profissionais capacitados para atuarem nesse cenário.

Desse modo, para entrar no mercado de trabalho o egresso precisa buscar conhecimentos que vão além da formação básica, que poderá ser decisivo na disputa por emprego (ZBOROWSKI, 2009). Além disso, o crescimento de cursos de graduação em enfermagem aumenta o número de enfermeiros lançados no mercado de trabalho anualmente, o que eleva a concorrência nas ofertas do mercado de trabalho, que poderá ser decidida pelo grau de capacitação e habilidade do profissional.

Quanto à participação em eventos científicos, foi mencionada por aproximadamente metade dos egressos participantes do estudo, com média de tempo decorrido entre as apresentações de 11 meses. Carrijo *et al.* (2007) teve resultado parecido, com 56,1% entre seus egressos de enfermagem, enquanto Souza e Miyadahira (2012) obtiveram índices maiores, com 70,9% para essa variável. Em contrapartida, no estudo de Zborowski (2009), essa participação foi discreta, com 26%, porém seus participantes tinham até um ano de formação.

Ao se estimar a frequência de realização de pesquisas após a graduação, percebeu-se que houve aumento dessa atividade, quando comparado ao percentual de egressos que tiveram aproximação com a pesquisa durante o curso. Esse resultado foi maior que o encontrado por Zborowski (2009), em que 24% dos seus participantes realizaram pesquisa após a graduação.

A média de trabalhos científicos realizados pelos egressos, bem como a frequência de divulgação em eventos científicos e periódicos, evidencia que a experiência não se constituiu em fato isolado, e demonstra preocupação dos egressos em propagar os conhecimentos advindos da pesquisa. Tal atitude recupera o real propósito da pesquisa científica, que é o crescimento da ciência da enfermagem, trazendo o conhecimento ao alcance de todos.

A investigação científica no cotidiano dos egressos é uma atividade intelectual, resultante de relações naturais do homem com o mundo e com seu processo de trabalho, em situações que emanam questionamentos. Para o enfermeiro, fazer pesquisa proporciona refletir criticamente sobre sua prática e direciona sua atividade profissional para o lado mais racional e coerente,

aperfeiçoando o processo de trabalho em saúde, e ainda multiplica conhecimentos (SOUZA; MIYADAHIRA, 2012).

Segundo Paim *et al.* (2010), a prática da pesquisa na enfermagem encontra-se centralizada entre docentes e discentes dos cursos de mestrado e doutorado, porquanto, os enfermeiros que estão na assistência acabam se distanciando dessa atividade, por falta de estímulos e de tempo. O desvio padrão neste estudo, maior que a média, aponta para a concentração de trabalhos entre alguns participantes, provavelmente aqueles envolvidos em cursos de mestrado e doutorado.

Acredita-se que a inserção dos egressos em cursos de pós-graduação implica envolvimento em pesquisa científica, principalmente os cursos de mestrado e doutorado, visto que segundo Pimentel, Mota e Kimura (2007), a pesquisa têm sido priorizada e enfatizada nos cursos *stricto sensu*. Porém, analisando-se inversamente, ainda encontramos um percentual relevante de egressos afastados dessa tarefa.

Com relação à formação dos egressos do CGE/UFPI em outro curso, a graduação em Medicina foi a que apareceu em maior frequência. A procura dos egressos por outros cursos de graduação aponta para um panorama que existe não só na enfermagem, mas em outras profissões, que é a busca da identidade profissional, que nem sempre acontece oportunamente.

No contexto da escolha do curso, é frequente o ingresso na enfermagem de alunos que não conseguiram se inserir no curso de medicina, quando esse é sua primeira opção. Nos estudos de Barlem *et al.* (2012) e Traverso-Yepez e Morais (2004), os motivos que direcionaram estudantes para outras áreas das ciências da saúde, como a enfermagem, incluem dificuldades e impossibilidades de fazerem o curso de preferência, que na maioria das vezes é a graduação em medicina. Para Ojeda *et al.* (2009), o status social do curso de medicina faz com que esse seja um dos mais procurados nos vestibulares, e a maior concorrência de vagas leva muitos estudantes a buscarem outras profissões da saúde como segunda opção.

Embora a discussão tenha se voltado para a opção pelo curso de medicina, destacam-se outras áreas que foram citadas pelos egressos desta pesquisa, como Fisioterapia, Tecnologia em Radiologia, Direito, dentre outras, que trazem a reflexão para a busca da identidade profissional do aluno, que muitas vezes se transforma em evasão do curso ou da área de atuação. O medo de abandonar o curso atual – uma certeza –, para buscar outro – uma dúvida –, talvez tenha motivado os

egressos desta pesquisa a concluírem o curso de enfermagem, para depois buscarem outra área de formação com a qual realmente se identificassem.

Outro aspecto da opção do curso é que a inserção na universidade geralmente ocorre antes dos vinte anos, quando ainda falta maturidade para a escolha profissional. Para Sbardelini (2001), o indivíduo define seu curso de graduação comumente na adolescência, com idade entre 15 a 19 anos, que considera precoce para a escolha da profissão. As incertezas, indefinições, e imaturidade dessa fase podem conduzir a uma opção pouco acertada e impedir também uma mudança de percurso.

Esse raciocínio tem relação com o estudo de Spindola, Martins e Francisco (2008), que constataram que a dimensão da profissão de enfermeiro ainda é pouco conhecida pelas pessoas, e que as particularidades de suas ações devem ser divulgadas, especialmente entre os alunos do ensino médio, os quais se encontram frequentemente indefinidos em relação a opção profissional.

Em outra perspectiva, o desconhecimento do egresso sobre a realidade profissional também pode se relacionar com o fato, especialmente no curso de enfermagem, em que os estágios e aulas práticas só começam a permear a vida acadêmica, em média dois anos após o início do curso, quando o aluno passa a conhecer melhor as peculiaridades de atuação do enfermeiro e, conseqüentemente, identificar-se ou não com a profissão.

Desta maneira, Ojeda *et al.* (2009) acreditam ser importante que o ingressante dos curso de enfermagem tenha contato direto com os saberes e práticas da profissão desde o seu início, pois quando o aluno se defronta com os conhecimentos da área, reafirma sua escolha profissional ou define a busca por novas opções.

Com relação à atuação profissional dos egressos, os resultados mostraram que a maioria conseguiu inserir-se no mercado de trabalho, propriamente na enfermagem, entretanto, destacou-se o número de enfermeiros sem nenhuma atividade profissional. Por outro lado, a presença de egressos em outras ocupações, simultaneamente ou não à enfermagem, não causou estranheza, tendo em vista que a presente pesquisa também encontrou enfermeiros com formação em outras áreas.

Os achados nesta pesquisa vão ao encontro ao estudo de Passos *et al.* (2013), que encontrou 83,3% de egressos inseridos no mercado de trabalho atuando

como enfermeiro, 11,9% que não exerciam qualquer atividade profissional, e 4,8% que exerciam atividades laborais fora da formação em enfermagem.

Resultado próximo foi obtido por Püschel, Inacio e Pucci (2009), que encontraram 11,4% dos enfermeiros sem vínculo empregatício algum. Na pesquisa de Zborowski *et al.* (2009), 8% do total de enfermeiros egressos entrevistados não estava trabalhando, e 7% realizavam outra atividade profissional.

Com relação às atividades profissionais fora da enfermagem, observa-se nesta pesquisa que as mais frequentes se relacionaram às áreas das ciências biológicas e da saúde. De certa forma, acredita-se ser coerente a afinidade dos egressos por essas áreas do conhecimento, pois possuem conteúdos comuns com a graduação em enfermagem, especialmente os outros cursos da área da saúde.

Quanto às áreas de atuação dos egressos que trabalhavam como enfermeiro, obteve destaque a área hospitalar, que envolveu quase metade dos empregos citados. As áreas da saúde pública e do ensino profissionalizante também foram mencionadas de forma relevante, e a atuação no ensino superior teve pouca aparição.

Resultados com índices próximos ao deste estudo foram encontrados por Souza e Miyadahira (2012), Passos *et al.* (2013), Püschel, Inácio e Pucci (2009), em que os egressos de enfermagem de seus estudos mencionaram com mais frequência empregos na área hospitalar, seguida da saúde pública e ensino profissionalizante.

Frente aos resultados, embora tenham ocorrido mudanças no contexto da saúde orientadas para a ênfase na saúde pública e, conseqüentemente, o surgimento de novos empregos nesse setor, visualiza-se que ainda há mais oportunidades de trabalho para o enfermeiro na área hospitalar.

Desta forma, a construção dos Projetos Pedagógicos dos cursos de graduação em enfermagem deve considerar essas informações, tendo em vista que nos últimos anos o ensino superior de enfermagem direcionou seus currículos para a assistência na atenção primária, com conhecimentos voltados para a proteção e promoção da saúde.

Essas afirmações não significam que a transição do modelo de atenção à saúde e dos currículos dos cursos de enfermagem, ocorrida nas últimas décadas, não foram importantes e necessárias, mas que é preciso considerar que grande

parte dos egressos é absorvida pela área hospitalar ao entrar no mercado de trabalho; portanto, é preciso prepará-los para essa atividade.

Quanto à localidade do emprego, Teresina foi a mais citada, fato congruente com as informações demográficas informadas pelos participantes, que mencionaram com maior frequência a capital do Estado como local de residência.

Relacionado ainda à atuação profissional, verificou-se que a maioria dos egressos já teve mais de um vínculo empregatício, porém, atualmente a maior parte possui apenas um emprego. Constatou-se, também, que o período médio de permanência no emprego foi de 12,7 meses. Esses dados apontam para profissionais que não se fixaram por muito tempo nos primeiros empregos, provavelmente por que estavam em início de carreira, na fase de identificação e definição do campo de atuação que pretendiam atuar e especializar-se.

O estudo de Püschel, Inácio e Pucci (2009) averiguou o período de permanência nos primeiros três empregos dos egressos de sua pesquisa, e constatou que eles comumente demoravam entre um a seis meses ou sete a doze meses nessas ocupações. Para o autor, os egressos passam por alta rotatividade no início da carreira, seja por insatisfação nos primeiros empregos ou para buscar especializarem-se, bem como procurarem melhores oportunidades, que tendem a aparecer, à medida que adquirem maior experiência profissional.

Quanto à atividade predominante na atuação profissional dos egressos, identificou-se a função assistencial como a mais citada entre os participantes. A mesma variável foi pesquisada por *Passos et al.* (2013) e Zborowski (2009), que encontraram frequências aproximadas, em que a função assistencial predominou entre os egressos de enfermagem participantes de suas pesquisas, com 40% e 62% respectivamente.

Quando questionados sobre a realização da SAE, considerável parte dos egressos confirmou executar a atividade. No entanto, ao se investigar quais etapas realizavam, identificou-se a Coleta de Dados de Enfermagem (Histórico de Enfermagem) como única fase referida por todos os participantes que afirmaram executar a SAE.

Estudo de Reppetto e Souza (2005) analisou a frequência de realização da SAE em prontuários de pacientes de um hospital universitário, e identificou que os enfermeiros não realizavam todas as etapas, de modo que a fase com menor

frequência de execução identificada pelos autores foi o Histórico de Enfermagem, diferentemente do que foi encontrado neste estudo.

A Resolução Cofen 358/2009 (COFEN, 2009), estabelece que o processo de enfermagem deva ser realizado em todos os ambientes em que ocorra o cuidado profissional de enfermagem, e é constituído pelas etapas da Coleta de dados de Enfermagem (Histórico de Enfermagem), Diagnóstico de Enfermagem, Planejamento de Enfermagem, Implementação (Prescrição de Enfermagem) e Avaliação (Evolução) de Enfermagem.

Desse modo, observou-se nesta pesquisa que dentre os egressos que declararam atuar na assistência, nem todos realizam a SAE, e entre os que a executam, esses não cumprem todas as etapas. Enfatiza-se, ainda, o fato de os egressos citarem a realização da prescrição de enfermagem com maior frequência que o diagnóstico de enfermagem, o que se subentende que alguns estão realizando prescrições sem fazer o diagnóstico.

Denota-se com esses resultados que há inconsistências na atuação dos enfermeiros egressos deste estudo, uma vez que a realização da SAE é mandatória na atividade assistencial, e constitui o principal subsídio para a autonomia do enfermeiro, por ser embasado por princípio científico e garantir a qualidade da assistência prestada.

Tendo em vista que o Projeto Pedagógico do CGE/UFPI (UFPI, 2007), contempla conteúdos que proporcionam habilitar o aluno para realizar o julgamento clínico do paciente, nas disciplinas Semiologia e Semiotécnica para a enfermagem (que enfoca o exame físico em enfermagem) e Metodologia da assistência de enfermagem (que trabalha o diagnóstico de enfermagem, o processo de enfermagem e a SAE). Acredita-se haver uma lacuna nesse processo de ensino-aprendizagem, que deve ser melhor investigada.

Outro aspecto pesquisado sobre a atuação dos enfermeiros egressos deste estudo foi quanto ao desempenho de funções em equipe multidisciplinar e na comunidade, e obteve-se maior concentração de respostas afirmativas para as duas variáveis. Quanto aos profissionais da equipe multidisciplinar mencionados, os médicos foram citados com maior frequência, e em menores proporções houve referência a nutricionistas, fisioterapeutas, psicólogos, dentistas, dentre outros.

O estudo de Souza e Miyadahira (2011) mensurou a realização de atividades em equipe multiprofissional entre seus egressos, e seus achados mostraram que 72,3% confirmaram executar ações em conjunto com outros profissionais.

Com relação à participação em entidades de classe, distinguiu-se a ausência de vinculação dos egressos deste estudo a essas organizações, porém, alguma frequência relacionou-se à ABEn e a Sindicatos de Enfermagem.

Para Lima e Sampaio (2007), o enfermeiro deve buscar relacionar-se com os outros em espaços de discussão coletiva, expondo ideias, divulgando conhecimentos, e interagindo em movimentos sociais e políticos, para o desempenho de uma atuação consciente, crítica e politizada.

Diante da pouca frequência dos egressos deste estudo na participação em entidades de classe, lamenta-se o achado, visto que as organizações como a ABEn, Sindicatos de Enfermagem e Associação de Especialistas em Enfermagem constituem espaços que possibilitam aos enfermeiros ampliar as discussões de temas inerentes à profissão, de forma coletiva, que resultam em crescimento profissional e melhorias na assistência.

Outra característica da atuação profissional dos egressos deste estudo relaciona-se aos métodos que utilizam para resolver déficits de conhecimento no dia a dia, em que se observou que os participantes buscam auxílio de forma variada, porém, as fontes de pesquisa em internet e a pesquisa em livros mostraram-se mais frequentes.

Chamou atenção nesta pesquisa o número de egressos que afirmou não ter acertado na escolha da profissão de enfermeiro, e aqueles que afirmaram não se sentirem realizados atuando como enfermeiro. Embora tenham sido as menores frequências nestas variáveis, não foram números discretos, e merecem atenção para reflexão das IES, porquanto que chegar ao final de um curso de graduação e não encontrar sentido ou satisfação na profissão, traz a necessidade de repensar alguns aspectos da formação.

Uma vez que os motivos elencados pelos egressos relacionam-se principalmente às características negativas do mercado de trabalho, como baixa remuneração e falta de reconhecimento profissional, questiona-se: a formação não proporcionou aproximação e conhecimento sobre o mercado de trabalho e a realidade de atuação da enfermagem?

Enquanto estão na graduação, os alunos têm expectativas profissionais de terem reconhecimento profissional por parte dos pacientes e equipe, e de sentirem realização profissional, adquirida por meio de superação de obstáculos e de poder aplicar os conhecimentos adquiridos (OJEDA *et al.*, 2009). O que se subentende, frente aos resultados, é que alguns egressos perceberam a falta de identidade com a enfermagem, ao se depararem com o mercado de trabalho e com as dificuldades que envolvem a profissão, por isso, acredita-se ser de suma importância trazer essa realidade, ainda durante a graduação, e antecipar para o aluno um pouco do que poderá encontrar ao se formar.

O estudo de Abrahão, Santos e Souza (2010) entre enfermeiros egressos de uma universidade pública, verificou que as experiências na graduação foram diferentes das situações vivenciadas na realidade. Identificaram que a graduação mostra uma visão irreal do papel do enfermeiro, incoerente com a realidade mais dura encontrada na vida profissional dos egressos. Os autores questionam se os currículos e as metodologias de ensino estão possibilitando a inserção de conteúdos comuns do cotidiano profissional na vivência do aluno durante a graduação.

Por outro lado, toda profissão tem características desfavoráveis, não só a enfermagem, e os profissionais qualificados e que sentem vocação na profissão acabam enfrentando essas situações difíceis com mais facilidade, as quais não constituem empecilhos para a satisfação profissional. Esse panorama foi verificado nos estudos de Carvalho e Lopes (2006) e Souza *et al.* (2011), que encontraram enfermeiros satisfeitos com a profissão, mas que desejavam ter mais reconhecimento, maior remuneração e melhores condições de trabalho.

Com relação à discussão da contribuição do CGE/UFPI para a atuação do egresso, foi confrontada com o conteúdo do Projeto Pedagógico do CGE/UFPI (UFPI, 2007), que descreve o currículo IV, o qual foi vivenciado pelos egressos desta pesquisa. Contudo, destaca-se que o Projeto pedagógico atual (UFPI, 2012) manteve as mesmas disciplinas do currículo anterior, com algumas reformulações.

Para avaliar a contribuição do CGE/UFPI, os egressos foram questionados espontaneamente e de forma estimulada a indicar sua percepção quanto à colaboração do Curso para sua atuação. Entre as respostas espontâneas destacaram-se a “Base de conhecimentos repassados” e o “Incentivo à participação em pesquisas”.

Nas respostas estimuladas, foi atribuída 'grande contribuição' à maioria das competências pesquisadas. Entretanto, foi divergente nas respostas em relação às competências "Atuar na gerência de enfermagem" e "Participar de entidades de classe", marcadas com 'média contribuição' entre a maior parcela de respostas; e as competências "Aprender por iniciativa própria" e "Respeitar princípios éticos e legais", que obtiveram maior número de respostas na categoria 'muito grande contribuição'.

Estudo igual foi realizado por Souza e Miyadahira (2012), que obteve resultados próximos quanto à maior frequência de respostas na categoria 'grande contribuição' para as competências pesquisadas entre os egressos de enfermagem de sua pesquisa. A competência "Atuar no ensino da enfermagem" foi referida pela maior parte dos seus egressos (36,4%) para média contribuição; "Desenvolver pesquisa científica" foi mais assinalada para 'média' e 'pouca contribuição', ambas com porcentagem de 32,7%; e a competência "Participar em entidades de classe" teve a maior porcentagem de respostas em 'pouca contribuição'.

Neste estudo, com relação às contribuições "Ter visão crítica da realidade" e "Ser agente transformador da realidade", tiveram maior número de respostas na categoria 'grande contribuição', porém, os egressos que justificaram suas respostas destacaram algumas falhas do CGE/UFPI para esses aspectos, e relataram que desenvolveram essas habilidades em suas experiências no Centro Acadêmico de Enfermagem (CAEnf).

Pires (2002) investigou a qualidade política de enfermeiros e encontrou profissionais que tinham fragilidade para esse aspecto, de modo que aqueles mais próximos da qualidade política tinham vivência em movimento social organizado e aprendizagem fora do espaço formal de educação, e percebiam criticamente a inserção social da prática de enfermagem nas políticas de saúde.

No estudo de Meira e Kurcgant (2008) com egressos de enfermagem de um curso privado, os resultados apontaram que a formação de um profissional crítico-reflexivo não foi alcançada pelo Curso, medida a partir da percepção dos egressos e dos empregadores desses profissionais.

Pires (2002) acredita que o enfermeiro tem papel fundamental na conquista da autonomia das pessoas e, conseqüente, ampliação de suas oportunidades, principalmente por assumir cargos de gestão e gerência de serviços e programas de saúde, além de estar envolvido na formação e capacitação de trabalhadores de

saúde. Porém, o conhecimento adquirido na graduação não é o único pressuposto para que o enfermeiro adquira qualidade política; são necessárias vivências e aprofundamentos em espaços de discussão e reflexão na vida acadêmica, que possibilitem formar essa habilidade.

Segundo o Projeto Pedagógico do CGE/UFPI (UFPI, 2007), o CAEnf é uma entidade civil sem fins lucrativos que defende os direitos e interesses dos acadêmicos de enfermagem, e constitui-se como um espaço destinado aos alunos do curso para interação, discussão e geração de ideias críticas. Nesse contexto, o CAEnf é um laboratório para a formação de enfermeiros conscientes e críticos frente aos problemas e desafios da sociedade.

Deste modo, a participação no Centro Acadêmico configura-se como uma atividade complementar descrita no Projeto Pedagógico do CGE/UFPI com potencial de criar ou aperfeiçoar a consciência crítica e política do aluno, a fim de que seja capaz de transformar sua realidade de atuação como profissional.

Portanto, embora alguns egressos tenham atribuído ao CAEnf a contribuição para ter visão crítica da realidade e de ser agente transformador da realidade, destituindo méritos do CGE/UFPI, entende-se que o CAEnf faz parte do CGE/UFPI, conforme descrito no Projeto Pedagógico, conseqüentemente, o Curso colaborou para formar essas competências nos egressos.

Entretanto, entende-se que esse aspecto precisa ser trabalhado entre as atividades e disciplinas obrigatórias do Curso, tendo em vista que a habilidade crítica e reflexiva é inerente à formação do enfermeiro, como descrita nas Diretrizes Curriculares (2001) para os cursos de graduação em enfermagem.

Quanto à competência “Atuar em equipe multiprofissional”, que obteve maior número de respostas na categoria ‘grande contribuição’, está descrita no projeto pedagógico do CGE/UFPI como uma das habilidades específicas do enfermeiro, o qual deve assumir compromisso ético, humanístico e social com o trabalho multiprofissional e interdisciplinar em saúde. Constitui-se, também, em uma das atividades que deve ser desenvolvida nos estágios curriculares, explicitando que o aluno deve manter aberta a linha de comunicação com todos os membros da equipe de enfermagem e profissionais afins (UFPI, 2007).

Entende-se que a habilidade de atuar em equipe multiprofissional deve ser desenvolvida nos estágios curriculares, momento em que há o encontro real do aluno de graduação em enfermagem com outros membros do trabalho em saúde, e

que se observa a demanda do cuidado interdisciplinar e multiprofissional, como se percebe na justificativa de um dos egressos, que relatou: *“trabalhávamos nos estágios sempre com uma equipe envolvida, destacando a importância de cada profissional para um bem comum”*.

Com relação à capacidade “Atuar utilizando o processo de enfermagem/SAE”, em que a maioria dos egressos assinalou ‘grande contribuição’, salienta-se que o ensino do processo de enfermagem/SAE faz parte das ementas de algumas disciplinas, como Metodologia da assistência de enfermagem, Saúde do Adulto e do Idoso, Enfermagem nas cirurgias e emergências e Estágio Curricular I e II, sendo que essas últimas propõem trabalhar, na prática, o processo de enfermagem como ação terapêutica em todos os níveis de atenção.

As justificativas dos egressos para essa competência foram convergentes entre si, quando relataram que o CGE/UFPI enfatizou bastante o tema na graduação, porém, alguns apontaram que existiam dificuldades ao operacionalizá-la na prática, como se observa no relato de um egresso: *“O CGE/UFPI orientava e indicava a importância da SAE, contudo, os próprios serviços, e mesmo os docentes, se viam desestimulados diante da subutilização dos dados procedentes da SAE, inclusive pelo próprio serviço de enfermagem”*.

No estudo de Martinéli *et al.* (2011), com egressos de enfermagem de uma faculdade pública paulista, foi questionado aos participantes se consideravam ter aprendido adequadamente a SAE durante a graduação, e 86,8% responderam positivamente.

Para a competência “Atuar na gerência do serviço de enfermagem”, os egressos marcaram mais respostas em ‘média contribuição’, porém, destacaram-se também referências iguais para ‘pouca’ e ‘grande contribuição’. Alguns participantes alegaram que houve poucas oportunidades de aprender sobre essa temática durante o CGE/UFPI, atribuídas à falta de aplicação prática dessa atividade. Entretanto, outros participantes mencionaram a disciplina Administração em Enfermagem como elemento colaborador para essa competência.

Segundo o projeto pedagógico do CGE/UFPI (2007), a administração e o gerenciamento de recursos materiais e humanos em saúde faz parte das habilidades gerais e específicas do enfermeiro, e está presente na ementa da disciplina Administração em Enfermagem. Não há menção de estágios com abordagens desse tema no projeto pedagógico, portanto, credita-se a isso o argumento dos egressos

quanto à carência de prática da administração e gerência do serviço de enfermagem.

Porém, dentre as atividades que devem ser desenvolvidas pelos alunos nos estágios, está presente gerenciar a assistência de enfermagem. Vale ressaltar que no Currículo III havia pelo menos quatro disciplinas relacionadas à administração e gerenciamento em enfermagem, que foram excluídas na transição para o Currículo IV, ficando somente a disciplina Administração em Enfermagem (UFPI, 2007).

Essa mesma percepção foi apontada por egressos de enfermagem do estudo de Meira e Kurcgant (2008), que identificaram deficiências no enfoque dos conteúdos gerencial e administrativo oferecidos pelo curso de enfermagem pesquisado.

Quanto a “Atuar na assistência de enfermagem”, houve mais respostas agrupadas em ‘grande contribuição’, e considerável número em ‘muito grande contribuição’. Para essa competência, o projeto pedagógico do CGE/UFPI programa-se para ensinar nas disciplinas Metodologia da assistência de enfermagem e nos Estágios Curriculares I e II, além de trabalhar a assistência a grupos específicos nas disciplinas Saúde da criança e do adolescente, Saúde da Mulher, Saúde do Adulto e do Idoso I e II, Enfermagem em Saúde Mental, Enfermagem nas cirurgias e emergências e Enfermagem na atenção às enfermidades Infecciosas e Parasitárias.

Percebe-se, portanto, que a assistência de enfermagem está presente em grande parte das disciplinas do currículo IV, e parece ter sido trabalhada enfaticamente na percepção dos egressos, como se observa no relato de um participante: *“Por mais que alguns estágios deixassem a desejar, era nítida a valorização da enfermagem no cuidado assistencial.”*

Outro aspecto da competência “Atuar na assistência de enfermagem”, foi o fato de alguns egressos citarem falhas nos estágios, que prejudicaram o aprendizado completo nessa dimensão, e referiram que algumas professoras não estavam capacitadas para isso, pois não tinham vivência prática assistencial ou estavam desatualizadas ou despreparadas para tal ensino no estágio. A justificativa de um egresso evidencia isso: *“... as professoras enfocam muito a teoria, mas na prática, algumas não vivenciam a realidade da assistência há muitos anos, e por isso se distanciam de novas tendências e novas abordagens ao cuidado”*. Entretanto, contrapondo-se a essas justificativas, alguns egressos mencionaram nas

respostas espontâneas que uma das contribuições do CGE/UFPI foi a presença de professores qualificados.

Com relação a “Atuar no ensino de enfermagem”, destacaram-se respostas em ‘média’ e ‘grande contribuição’. Para trabalhar essa competência, o CGE/UFPI oferta a disciplina Didática aplicada à enfermagem, porém, é uma cadeira optativa, de forma que o egresso pode se graduar, sem adquirir a habilidade metodológica para o ensino (UFPI, 2007).

Obviamente, acredita-se que algumas atividades avaliativas, como seminários e outras atividades complementares, como monitorias (que são consideradas atividades de ensino), possibilitam uma introdução a essa prática durante a graduação.

Quanto à competência “Desenvolver pesquisa científica”, o maior número de respostas transitou entre ‘média’, ‘grande’ a ‘muito grande contribuição’. Vale ressaltar que o incentivo à participação em pesquisa foi uma contribuição consideravelmente lembrada pelos egressos nas respostas espontâneas.

É possível visualizar a percepção de um dos egressos quanto à contribuição “Desenvolver pesquisa científica”, como nessa justificativa: *“tinha algumas professoras que incentivavam. Na UFPI têm muitos grupos de estudo, projetos de extensão, mas para isso é preciso ter disponibilidade... e interesse para ficar atrás das oportunidades”*.

A introdução do egresso nas atividades de pesquisa é oportunizada pelo CGE/UFPI em algumas disciplinas, como Introdução à Pesquisa e Tecnologias de Comunicação em Saúde, Seminário de Pesquisa I e Seminário de Pesquisa II. Essas cadeiras objetivam aproximar e habilitar o aluno para a pesquisa, bem como orientam na elaboração da monografia, necessária para a conclusão da graduação.

Ademais, o aluno pode aprofundar conhecimentos nessa área por meio de atividades complementares de pesquisa, descritas no Projeto Pedagógico do CGE/UFPI (2007), conforme discutidas anteriormente.

No que diz respeito à competência “Atuar na comunidade”, as respostas dos egressos concentraram-se em ‘grande’ e ‘média contribuição’. Observou-se, nas explicações, que houve tímido desenvolvimento dessa competência, como no relato seguinte: *“... não havia uma prática com atuação na comunidade, houve poucas atividades na estratégia saúde da família que não apresentavam continuidade”*.

A assistência de enfermagem prestada ao indivíduo, família e comunidade, é frequentemente citada no projeto pedagógico do CGE/UFPI (2007), e faz parte das ementas de grande parte das disciplinas que envolvem a assistência, portanto, acredita-se que esse aspecto merece atenção para ser trabalhado pelo CGE/UFPI.

Quanto à competência “Participar de entidades de classe”, a contribuição do CGE/UFPI foi destacada pelos egressos para as categorias ‘média’ e ‘pouca contribuição’. Tal fato se reflete no envolvimento de poucos egressos em entidades de classe, como já mencionado nos resultados, e na alegação de alguns, como cita um participante: “... *foram poucos os professores que desenvolveram esse aspecto, meu crescimento nessa área foi através do centro acadêmico*”.

Com relação a “Investir na educação continuada” e “Aprender por iniciativa própria”, tiveram maior concentração de respostas em ‘grande’ e ‘muito grande contribuição’; porém, as justificativas dos egressos apontaram que falhas na graduação fizeram com que aprimorassem seus conhecimentos de forma autônoma: “*senti falta de estímulos e busquei por iniciativa própria*”, outro: “*a falta de compromisso... dos discentes acabava por incentivar, inevitavelmente, buscar o conhecimento por conta própria... onde o aluno tenta suprir as deficiências estruturais do ensino, pesquisa e extensão*”.

Contra-pondo-se ao ponto de vista dos participantes que justificaram suas respostas de forma estimulada, ressalta-se que o incentivo à educação continuada foi lembrado espontaneamente por relevante parte dos egressos.

No que tange a “Atuar respeitando os princípios éticos e legais da profissão”, distinguiram-se as respostas para ‘grande’ e ‘muito grande contribuição’. Esse aspecto também foi lembrado de forma espontânea como uma das contribuições do CGE/UFPI, bem como ter visão humanizada e holística do paciente.

Entre as justificativas para essa competência mencionada, todas foram favoráveis, como destaca um participante: “*sempre (fui) levado a respeitar os princípios éticos e legais da profissão, bem como respeitar os princípios da humanização da assistência*”.

Martinéli *et al.* (2011), que questionaram entre seus egressos se consideravam que os preceitos éticos e humanísticos ministrados durante a graduação foram relevantes ao exercício da profissão, 94,5% responderam positivamente.

Para preparar o aluno para atuar respeitando princípios éticos e legais, o Projeto Pedagógico do CGE/UFPI (2007) introduz o tema na disciplina Bioética, Ética e Legislação para enfermagem, que aborda preceitos éticos e legais da profissão e do trabalho em saúde, e exercita sua prática nos Estágios curriculares I e II, que descreve, entre as atividades desenvolvidas, assegurar princípios éticos no exercício das ações e prestar assistência livre de riscos aos clientes.

Outro aspecto da contribuição do CGE/UFPI neste estudo foram as respostas espontâneas que atribuíram nenhuma contribuição do Curso, ou que elencaram somente características negativas, relacionadas principalmente a deficiências do corpo docente. Os campos de estágios também foram citados nesse aspecto, porém, em número pouco relevante. No estudo de Colenci e Berti (2012) o resultado foi diferente, em que as críticas à graduação, feitas pelos egressos de enfermagem pesquisados, relacionaram-se principalmente às deficiências nos campos de estágio.

Percebeu-se também um sentimento de orgulho em alguns egressos por serem oriundos da UFPI, ao afirmarem que a formação no CGE/UFPI tem influência positiva e diferencial no mercado de trabalho, diante de profissionais de outras instituições, como se visualiza na seguinte explicação: “... a satisfação em ser oriunda da UFPI me dá uma credibilidade perante todos, e ainda é um diferencial buscado por todos”. Outro egresso relatou: “... sempre tive oportunidades, pois as portas se abriam pra mim, por ser estudante da UFPI. Ainda orgulho-me por isso”.

Meira e Kurcgant (2008) identificaram percepções semelhantes entre os egressos de seu estudo, que atribuíam importância ao nome conquistado pela faculdade junto ao mercado de trabalho e à sociedade de uma forma geral, como se o fato de ter estudado nessa instituição já representasse, por si só, um grande diferencial.

Acredita-se que a contribuição do CGE/UFPI foi satisfatória para a atuação dos egressos para a maioria das competências pesquisadas, e que o Projeto Pedagógico contempla adequadamente parte das habilidades necessárias à formação do enfermeiro, no entanto, ainda existem fragilidades que precisam ser corrigidas e algumas particularidades que necessitam serem revistas.

6 CONCLUSÕES

Os resultados advindos deste estudo possibilitaram o conhecimento sobre três dimensões diferentes, relacionadas aos egressos de enfermagem do CGE/UFPI.

A primeira dimensão evidenciou o perfil socioeconômico e demográfico dos egressos participantes da pesquisa, com predomínio de mulheres jovens, solteiras, sem filhos, residentes na capital do Estado, e com renda média mensal pouco acima de R\$ 3.400,00.

Assim como em outras profissões, os jovens recém-formados do CGE/UFPI buscaram consolidar a carreira antes dos compromissos sociais de casamento e filhos. A média de renda individual e o número de egressos fora do mercado de trabalho ou que possuíam somente um emprego também evidenciam enfermeiros em início de carreira, tendo em vista o multiemprego ser comum na profissão, com consequente aumento da renda.

Alguns resultados apontaram realidade profissional na população pesquisada, que mostrou uma importante parcela de egressos que não estava exercendo a profissão, e outro número relevante de participantes que estavam desapontados e/ou acreditavam não ter acertado na escolha da profissão de enfermeiro. Acredita-se que o aprofundamento de estudos direcionados para o mercado de trabalho do enfermeiro possa trazer mais discussões e contribuições nesse tema.

A segunda dimensão possibilitou conhecer a realidade de atuação dos egressos e suas práticas para o desenvolvimento profissional; foi significativa a busca de qualificação profissional por meio de pós-graduação.

Quanto às características da atuação profissional dos enfermeiros egressos, destacou-se sua maior inserção na área hospitalar, seguida da área de saúde pública, fato que, de certa forma, confronta a ênfase das políticas de educação e saúde consolidadas nos últimos anos, que prioriza a formação dos profissionais de saúde para a atuação na atenção primária.

Visualiza-se, nesse aspecto, que pesquisas relacionadas ao mercado de trabalho para o enfermeiro são importantes para orientar as abordagens do conteúdo curricular dos cursos de Graduação em Enfermagem, tendo em vista que dotar o egresso de competências e conhecimentos durante a graduação não

garantem sua empregabilidade, se suas habilidades não suprem ou não se adequam às oportunidades de emprego disponíveis.

Além disso, estudos nesse tema subsidiam o funcionamento e a criação de novos cursos de graduação em enfermagem, que muitas vezes são concebidos sem avaliar as oportunidades de emprego existentes para os profissionais que serão lançados no mercado de trabalho, gerando desemprego e desapontamento entre os enfermeiros.

O aumento da oferta de profissionais faz com que os enfermeiros se submetam a empregos com baixa remuneração, e empregadores decresçam salários para a categoria (ou vice-versa), gerando desvalorização e falta de reconhecimento da profissão.

Outro resultado considerado foi a atuação dos egressos na assistência de enfermagem, em que alguns não realizam a SAE e os que realizam não a fazem em sua totalidade. Pôde-se perceber que os egressos manifestam satisfação com o ensino da SAE no CGE/UFPI, porém sua aplicabilidade encontra obstáculos bem mais complexos no ambiente assistencial, que ultrapassam a competência e habilidade do enfermeiro em executá-la.

Compreende-se que a SAE é um dos principais meios para que o enfermeiro conquiste autonomia e reconhecimento profissional perante a sociedade, clientela e demais profissionais da equipe de saúde, mas diante dos resultados, percebe-se que ainda é algo distante de ser alcançado.

Nesse aspecto, os gestores dos serviços de saúde têm papel fundamental para a aplicabilidade da SAE, ao incluí-la na filosofia do serviço e proporcionando recursos humanos e operacionais que possibilitem ao enfermeiro realizá-la. Além disso, a conscientização do cliente sobre a SAE, e de sua importância para si, constituem também fatores determinantes para tornar a prática do processo de enfermagem algo concreto e valorizado.

Todavia, esse percurso para se alcançar a implementação da SAE, de forma adequada e satisfatória, em todos os ambientes que ofereçam a assistência de enfermagem, depende primeiramente da atitude do enfermeiro. Se o enfermeiro não realiza a SAE, o cliente nem saberá que existe ou do que se trata.

Desta forma, quando as particularidades do local de trabalho do enfermeiro não possibilitarem a execução do processo de enfermagem, o profissional deve ser capaz de mudar essa realidade, e não adequar-se a ela. Por isso, não é suficiente

preparar o egresso para realizar a SAE; as IES precisam dotá-lo de consciência crítica e política, para que consiga transformar sua realidade de atuação.

Por fim, a terceira dimensão possibilitou conhecer a percepção dos egressos sobre a contribuição do CGE/UFPI para sua atuação como enfermeiro. Foi possível identificar as habilidades que os egressos consideram estarem mais, ou menos aptos a realizar, a partir da contribuição do curso para as competências pesquisadas.

Os resultados indicaram que as habilidades para atuar na gerência de enfermagem e participar de entidades de classe receberam as menores pontuações e o maior número de críticas negativas por parte dos egressos.

A fragilidade para esse aspecto é visualizada de forma grave, em virtude de vários fatores. Primeiro, destaca-se a categorização que existe na profissão, em que técnicos e auxiliares de enfermagem encontram-se obrigatoriamente subordinados à coordenação e liderança de um enfermeiro, em qualquer ambiente em que há assistência de enfermagem. Além disso, os enfermeiros frequentemente se inserem em cargos de gestão e gerência de serviços de saúde, o que requer habilidade administrativa do profissional.

Conclui-se, portanto, que a realização de estudos com os egressos do CGE/UFPI deve ser feita periodicamente, conforme estabelecido no Projeto Pedagógico do CGE/UFPI, para que seus resultados possibilitem reflexões, mudanças e/ou aperfeiçoamentos do currículo do curso.

Diante do exposto, acredita-se que os principais objetivos do Projeto pedagógico do CGE/UFPI para a formação do perfil do enfermeiro foram alcançados, pois a maioria das competências foi bem pontuada pelos egressos. No entanto, sugerem-se algumas modificações no Projeto Pedagógico do CGE/UFPI, descritas a seguir:

- 1) Propõe-se repensar a construção da consciência crítica do aluno, por meio de metodologias que favoreçam a autonomia do estudante no processo de ensino-aprendizagem, que exercitem essa competência, a fim de torná-lo agente transformador da sua realidade de atuação.
- 2) Recomenda-se que o corpo docente faça reflexões e estabeleça estratégias para a formação política do estudante de enfermagem, tendo em vista que essa habilidade não se constrói em uma disciplina ou prática

específica, mas pode ser adquirida por meio dos exemplos e vivências do aluno durante todo o curso de graduação.

- 3) Indica-se ampliar o exercício prático no ensino de administração e gerência de enfermagem, por ser uma competência bastante requerida no cotidiano do enfermeiro, para corrigir o déficit apontado.
- 4) Sugere-se que o CGE/UFPI promova projetos de integração com os serviços de assistência em saúde, objetivando implantar/operacionalizar a SAE, bem como para proporcionar ao aluno o aprendizado em ambiente real do cuidado.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO. Ana Lúcia; SANTOS, Mauro Leonardo S. Caldeira dos; SOUZA, Rodolpho Fernandes De. A dissonância entre formação do enfermeiro e sua prática de trabalho. **Vidya**, Santa Maria, v. 30, n. 1, p. 53-60, jan./jun., 2010.

BARDAZI, Marucia Patta; HUTZ, Claudio Simon. Mercado de trabalho, desempenho acadêmico e o impacto sobre a satisfação universitária. **Rev. de Ciênc. Humanas**, Florianópolis, v. 46, n. 1, p. 183-98, abr., 2012.

BARLEM, Jamila Geri Tomaschewski *et al.* Opção e evasão de um curso de graduação em enfermagem: percepção de estudantes evadidos. **Rev. Gaucha Enferm.**, Porto Alegre (RS), v. 33, n. 2, p. 132-8, jun., 2012.

BRANQUINHO, Nayla Cecília da Silva Silvestre; BEZERRA, Ana Lúcia Queiroz. Egressos de Enfermagem: uma revisão sistemática da literatura. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 63. 2011, Goiânia. **Anais eletrônicos**. São Paulo: SBPC/UFG, 2011. Disponível em: <<http://www.sbpnet.org.br/livro/63ra/conpeex/mestrado/trabalhos-mestrado/mestrado-nayla-cecilia.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2012. Em edição.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAUDE. Resolução CNS nº 350, de 09 de junho de 2005. Entendimento sobre a homologação da abertura de cursos na área da saúde pelo Ministério da Educação com a não objeção do Ministério da Saúde. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 29 jun. 2005. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2005/Reso350.doc>>. Acesso em: 05 maio 2014.

_____. Ministério da Educação e Cultura. Parecer nº 1133, de 07 de agosto de 2001. Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Enfermagem, Medicina e Nutrição. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 03 out. 2001a. Seção 1E, p. 131. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2001/pces1133_01.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2012.

_____, _____. Resolução CNE/CES nº 03, de 07 de novembro de 2001. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 09 nov. 2001b. Seção 1, p. 37. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES03.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2012.

_____, _____. **Avaliação Externa de Instituições de Ensino Superior: Instrumento**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2008.

_____, _____. Resolução CNE/CES nº 908, de 02 de dezembro de 1998. Estabelece a validade profissional e acadêmica dos títulos de pós-graduação lato sensu. **Diário Oficial da União**, Brasília, 02 dez. 1998.

_____, _____. Resolução CNE/CES nº 1, de 08 de junho de 2007. Estabelece normas para o funcionamento de cursos de pós-graduação lato sensu, em nível de especialização. **Diário Oficial da União**, Brasília, 08 jun. 2007. Seção 1, p. 9.

_____. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF, 5 de outubro 1988. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: 10 abr. 2012.

_____. Ministério da Saúde. **CNES** – Cadastro Nacional De Estabelecimentos de Saúde. Brasília, 2014. Disponível em <http://cnes.datasus.gov.br/Mod_Ind_Profissional_com_CBO.asp>. Acesso em 3 jan 2014.

_____. _____. Conselho Nacional de Saúde (CNS). Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. **Diário Oficial da União**, Brasília, 13 de junho de 2013. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2013.

CARRIJO, Clarissa Irineu de Sousa *et al.* A empregabilidade de Egressos de um Curso de Graduação em Enfermagem. **R. Enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 356-63, jul. 2007.

CARVALHO, Glauce; LOPES, Sarita. Satisfação profissional do enfermeiro em uma unidade de emergência de hospital geral. **Arq Ciênc Saúde**, v. 13, n. 4, p. 215-9, out./dez., 2006.

COLENCI, Raquel; BERTI, Heloísa Wey. Formação profissional e inserção no mercado de trabalho: percepções de egressos de graduação em enfermagem. **Rev. Esc. Enferm. USP**, São Paulo, v. 46, n. 1, p. 158-66, fev., 2012.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM – COFEN. **Comissão de Business Intelligence**. Análise de dados das inscrições dos profissionais de Enfermagem existentes nos Conselhos Regionais no ano de 2011. fev., 2013.

_____. **Resolução COFEN nº 358 de 15 de outubro de 2009**. Dispõe sobre a Sistematização da Assistência de Enfermagem - SAE - nas Instituições de Saúde Brasileiras. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Enfermagem; 2009.

CORREIA, Luiza Mara *et al.* Construção do projeto pedagógico: experiência da faculdade de Enfermagem da UERJ. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 57, n. 6, p. 649-53, nov./dez., 2004.

E-MEC. Instituições de Educação Superior e Cursos Cadastrados. Acesso em 20 mar 2014. Disponível em: <http://emec.mec.gov.br>.

ERDMANN, Alacoque Lorenzini *et al.* A visibilidade da profissão de enfermeiro: reconhecendo conquistas e lacunas. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 62, n. 4, p. 637-43, ago., 2009.

ERDMANN, Alacoque Lorenzini. Formação de especialistas, mestres e doutores em enfermagem: avanços e perspectivas. **Acta Paul Enferm.**, v. 22, n. esp., p. 551-3, 2009.

ERDMANN, Alacoque Lorenzini; FERNANDES, Josicelia Dumêt; TEIXEIRA, Giselle Alves. Panorama da educação em enfermagem no Brasil: graduação e pós-graduação. **Enfermagem em Foco**, Brasília, v. 2, n. supl., p. 89-93, 2011.

FERNANDES, Josicélia Dumêt *et al.* Expansão da educação superior no Brasil: ampliação dos cursos de graduação em enfermagem. **Rev. Latino-Am. Enfermagem** v. 21, n. 3, mai./jun., 2013.

_____. Diretrizes curriculares e estratégias para implantação de uma nova proposta pedagógica. **Rev Esc Enferm USP**, v. 39, n. 4, p. 443-9, 2005.

GALLEGUILLOS, Tatiana Gabriela Brassea; OLIVEIRA, Maria Amélia de Campos. A gênese e o desenvolvimento histórico do ensino de enfermagem no Brasil. **Rev. Esc. Enf. USP**, v.35, n. 1, p. 80-7, mar., 2001.

GOMES, Márcia Constância Pinto Aderne; PINHEIRO, Roseni. Acolhimento e vínculo: práticas de integralidade na gestão do cuidado em saúde em grandes centros urbanos. **Interface** (Botucatu), Botucatu, v. 9, n. 17, p. 287-301, ago., 2005.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA - INEP. Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) 2010. **Relatório Síntese. Enfermagem**. Brasília, DF, 2010.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA - IPEA. Diretoria de Estudos e Políticas Setoriais, de Inovação, Renovação e Infraestrutura. Perspectivas profissionais: nível técnico e superior. **Radar: tecnologia, produção e comércio exterior**. Brasília, n. 1, ed. esp., jul, 2013.

ITO, Elaine Emi *et al.* O ensino de enfermagem e as diretrizes curriculares nacionais: utopia x realidade. **Rev. Esc. Enferm. USP**, São Paulo, v. 40, n. 4, p. 570-5, 2006.

KRAHL, Mônica *et al.* Experiência dos acadêmicos de enfermagem em um grupo de pesquisa. **Rev. Bras. Enferm**, Brasília, v. 62, n. 1, p. 146-50, jan./fev., 2009.

LIMA, Washington Campos Barbosa; SAMPAIO, Sueli Fátima. Competência política do enfermeiro: achados bibliográficos. **Rev Gaúcha Enferm**, Porto Alegre (RS), v. 28, n. 4, p. 564-9, dez., 2007.

LOPES NETO, David *et al.* Aderência dos Cursos de Graduação em Enfermagem às Diretrizes Curriculares Nacionais. **Rev Bras Enferm**, Brasília, v. 60, n. 6, p. 627-34, Nov./dez., 2007.

LUCCHESE, Roselma; BARROS, Sônia. Pedagogia das competências – um referencial para a transição paradigmática no ensino de enfermagem – uma revisão da literatura. **Acta Paul Enferm**, v. 19, n. 1, p. 92-9, 2006.

MAGALHÃES, Lilia Bueno de; CARZINO, Eliana Portella. O perfil dos alunos da primeira turma de Enfermagem da Universidade Tuiuti do Paraná. **Tuiuti: Ciência e Cultura**, Curitiba, n. 26, FCBS 03, p. 109-22, jan., 2002.

MAGGI, Leticia. As carreiras mais promissoras para os próximos dez anos. **Veja (digital)**. 14 de julho de 2013. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/as-quatro-carreiras-mais-promissoras>> Acesso em 20 de jan. 2014.

MAIA, Natália Maria Freitas e Silva. **Análise da participação discente no desenvolvimento do projeto pedagógico do curso de enfermagem**. 2011. 85f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação Mestrado em Enfermagem. Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, 2011.

MARTINÉLI, Débora Dada *et al.* Avaliação do currículo da graduação em enfermagem por egressos. **Cogitare Enferm.**, v. 16, n. 3, p. 524-9. jul./set., 2011.

MARTINS, Christiane *et al.* Perfil do enfermeiro e necessidades de desenvolvimento de competência profissional. **Texto Contexto Enferm.**, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 472-8, jul./set., 2006.

MEIRA, Maria Dyrce Dias; KURCGANT, Paulina. Avaliação da formação de enfermeiros segundo a percepção de egressos. **Acta Paul. Enferm.**, São Paulo, v. 21, n. 4, p. 556-61, 2008.

NUNES, Benevina Maria Vilar Teixeira. **Os primórdios do ensino da enfermagem moderna no Piauí: lutas e conquistas na Universidade**. Teresina: EDUFPI, 2004.

OJEDA, Beatriz Sebben *et al.* Acadêmicos de enfermagem, nutrição e fisioterapia: a escolha profissional. **Rev Latino-am Enfermagem**, v. 17, n. 3, mai./jun., 2009.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE - OMS. **Relatório Mundial De Saúde: 2006**. Trabalhando juntos pela Saúde/Organização Mundial de Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

PAIM, Lygia *et al.* Desafios à pesquisa em enfermagem. **Esc Anna Nery Rev Enferm**, v. 14, n. 2, p. 386-90, abr./jun., 2010.

PASSOS, Silvana Lopes dos *et al.* O egresso de enfermagem de uma universidade privada e a sua inserção no Mercado de trabalho. **R. saúd. corp. ambi. e cuid.**, v. 1, n. 1, p. 177-191, jan./mar., 2013.

PEREIRA, Maria José Bistafa *et al.* A enfermagem no Brasil no contexto da força de trabalho em saúde: perfil e legislação. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 62, n. 5, p. 771-7, out., 2009.

PIERANTONI, Célia Regina (org.). **Alunos de graduação em Enfermagem**: perfil, expectativas e perspectivas profissionais. Relatório. Rede Observatório de Recursos Humanos em Saúde. jun., 2008.

PIMENTEL, Vera; MOTA, Dálete Delalibera Corrêa de Faria; KIMURA, Miako. Reflexões sobre o preparo para a docência na pós-graduação em enfermagem. **Rev Esc Enferm USP**, v. 41, n. 1, p. 161-4, 2007.

PIRES, Maria Raquel Gomes Maia. Enfermeiro com Qualidade Política e Diretrizes Curriculares Nacionais: Interfaces e desafios. In: **6º Seminário Nacional de Diretrizes Curriculares de Educação em Enfermagem**, 2002, Teresina. 6º Seminário Nacional de Diretrizes Curriculares de Educação em Enfermagem, 2002.

PÜSCHEL, Vilanice Alves de Araújo; INÁCIO, Mariana Pereira; PUCCI, Patrícia Prici Agustini. Inserção dos Egressos da Escola de Enfermagem da USP no Mercado de Trabalho: Facilidades e Dificuldades. **Rev. Esc. Enferm. USP**, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 535-42, 2009.

REDE OBSERVATÓRIO DE RECURSOS HUMANOS EM SAÚDE – RORHES. **Empregabilidade e trabalho dos enfermeiros no Brasil**: Relatório final. Novembro, 2006.

REIS, Marcos Aurélio Seixas *et al.* A organização do processo de trabalho em uma unidade de saúde da família: desafios para a mudança das práticas. **Interface - Comunic, Saúde, Educ**, v. 11, n. 23, p.655-66, set./dez., 2007.

REPPETTO, Maria Ângela; SOUZA, Mariana Fernandes de. Avaliação da realização e do registro da Sistematização da Assistência de enfermagem (SAE) em um hospital universitário, **Rev Bras Enferm**, v. 58, n. 3, p. 325-9, mai./jun., 2005.

ROCHA, Maria Eliane Martins Oliveira da; NUNES, Benevina Maria Vilar Teixeira. Expansão dos cursos de graduação em Enfermagem: estudo no Piauí. **Rev Bras Enferm**, Brasília, v. 66, n. 3, p. 391-8, mai./jun., 2013.

ROCHA, Fabrícia Cavalcante; LIRA, Joyce Nayla. **Currículos do curso de enfermagem da UFPI**: uma história em movimento. 2007. 59f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Enfermagem) – Curso de Enfermagem. Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, 2007.

SANTOS, Silvana Sidney Costa. Perfil de Egresso de Curso de Enfermagem nas Diretrizes Curriculares Nacionais: uma aproximação. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 59, n. 2, p. 217-21, mar./abr., 2006.

SBARDELINI, Elizabeth Teresa Brunini. Identidade profissional e opção universitária. **Psicol. Esc. Educ. (Impr.)**, Campinas, v. 5, n. 1, jun., 2001.

SILVA, Mary Gomes Silva *et al.* Processo de formação da(o) enfermeira(o) na contemporaneidade: desafios e perspectivas. **Texto Contexto Enferm.**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 176-84, jan./mar., 2010.

SILVA, Kênia Lara *et al.* Desafios da formação do enfermeiro no contexto da expansão do ensino superior. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 380-7, abr./jun., 2012.

SPINDOLA, Thelma; MARTINS, Elizabeth Rose da Costa; FRANCISCO, Marcio Tadeu Ribeiro. Enfermagem como opção: perfil de graduandos de duas instituições de ensino. **Rev Bras Enferm**, Brasília, v. 61, n. 2, p. 164-9, mar./abr., 2008.

SOUZA, Sarah Nancy Deggau Hegeto de. **O egresso do curso de graduação em enfermagem da Universidade Estadual de Londrina**: perfil socioeconômico-demográfico, inserção no mercado de trabalho, atuação profissional e contribuição do curso. 2000. 243f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Mestrado Interinstitucional em Enfermagem. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

SOUZA, Sarah Nancy Deggau Hegeto de; MIYADAHIRA, Ana Maria Kazue. O desenvolvimento de competências no curso de graduação em Enfermagem: percepção de egressos. **Cienc. Cuid. Saude**, v. 11 n. suplement., p. 243-250, 2012.

SOUZA, Norma Valéria Dantas de Oliveira *et al.* O egresso de enfermagem da FENF/UERJ no mundo do trabalho. **Rev Esc Enferm USP**, v. 45, n. 1, p. 250-7, 2011.

SPÍNDOLA, Thelma; MARTINS, Elizabeth Rose da Costa; FRANCISCO, Márcio Tadeu Ribeiro. Enfermagem como opção: perfil de graduandos de duas instituições de ensino. **Rev Bras Enferm**. Brasília, v. 61, n. 2, p. 164-9, mar./abr., 2008.

TEIXEIRA, Elizabeth *et al.* Panorama dos cursos de graduação em enfermagem no Brasil na década das diretrizes Curriculares Nacionais. **Rev. Bras. Enferm.** v. 66, n. esp., p. 102-10, 2013.

_____. Trajetórias e tendências dos Cursos de Enfermagem no Brasil. **Rev. Bras. Enferm.** v. 59, n. 4, p. 479-87, jul./ago., 2006.

TONHOM, Silvia Franco da Rocha. Os egressos como atores do processo de avaliação curricular do curso de Enfermagem da Famema. **Interface** (Botucatu), Botucatu, v. 12, n. 27, p. 931-2, out./dez., 2008.

TRAVERSO-YEPEZ, Martha; MORAIS, Normanda Araújo de. Ideias e concepções permeando a formação profissional entre estudantes das ciências da saúde da UFRN: um olhar da Psicologia Social. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 9, n. 2, ago., 2004.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI. Departamento de Enfermagem. **Projeto Pedagógico do Curso de Graduação/Bacharelado em Enfermagem** – UFPI. Teresina, 2012.

_____. Departamento de Enfermagem. **Projeto Político-Pedagógico do Curso de Graduação/Bacharelado em Enfermagem** – UFPI. Teresina, 2007.

VALL, Janaína; PEREIRA, Laura França; FRIESEN, Tatiane Temmy. O perfil do acadêmico de enfermagem de uma faculdade privada da cidade de Curitiba. **Cadernos da Escola de Saúde**, Curitiba, v. 2, p. 1-10, 2009.

VARELLA, Thereza Christina; PIERANTONI, Célia Regina. A migração de enfermeiros: um problema de saúde pública. **Rev. Bras. Saude Mater. Infant.**, Recife, v. 7, n. 2, p. 199-211, abr., 2007.

ZBOROWSKI, Ilza dos Passos *et al.* Enfermeiros egressos: expectativas e oportunidades no mercado de trabalho. **Cuidarte-enfermagem**. v. 3, n. 1, p. 41-5, jan./jun., 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Título do projeto: “Perfil de egressos do curso de graduação em enfermagem da Universidade Federal do Piauí”

Pesquisador responsável: Benevina Maria Vilar Teixeira Nunes

Instituição/Departamento: Universidade Federal do Piauí/Depto de Enfermagem

Telefone para contato (inclusive a cobrar): (86) 9988-8425

Pesquisador participante: Sayonnara Ferreira Maia

Telefones para contato: (86) 9462-8182/8819-4718

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Você precisa decidir se quer participar ou não. Por favor, não se apresse em tomar a decisão. Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte ao responsável pelo estudo qualquer dúvida que você tiver. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma.

Trata-se de uma pesquisa descritiva de abordagem quantitativa.

Apresenta como **objetivos:**

1 - Caracterizar o perfil socioeconômico e demográfico dos enfermeiros egressos do curso de graduação em enfermagem da UFPI, formados nos anos de 2008 a 2011, e conhecer sua realidade de atuação profissional.

2 - Analisar a inserção dos egressos no mercado de trabalho e atuação profissional.

3 - Avaliar a contribuição do Curso de Graduação em Enfermagem da UFPI sobre a atuação profissional, na perspectiva do egresso.

Serão solicitadas, através de um questionário, suas informações socioeconômicas e demográficas, informações sobre sua atuação profissional e sobre sua formação. As respostas serão armazenadas e o que você responder será utilizado apenas para fins desse estudo.

A pesquisa não apresenta riscos físicos ou biológicos e nem desconforto para você, pois sua participação limita-se a responder um formulário, no local e horário de sua conveniência. Portanto, sua participação lhe causará somente a importunação para dedicar um tempo para responder o instrumento. Contudo, você pode se sentir constrangido para responder alguma pergunta. Para tanto, você tem o direito de não

respondê-la, respeitando-se sua liberdade e sua autonomia de decisão. A sua identidade e as suas informações fornecidas terão sua privacidade garantida pelos pesquisadores responsáveis, mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados.

Sua participação na pesquisa não trará benefício direto a você, mas favorecerá compreensões acerca de diversos aspectos relacionados à formação do enfermeiro, possibilitará o repensar da participação discente na formação em enfermagem como sujeito ativo desse processo, bem como servirá de subsídio para fomentar discussões pelas instituições educadoras sobre o projeto pedagógico, a formação dos enfermeiros e a construção coletiva desse processo de transição paradigmática. O estudo contribuirá com o curso de enfermagem da UFPI por oportunizar à instituição fazer um feedback do seu processo educativo. Servirá também como base de dados para futuras investigações sobre a educação em enfermagem no Estado do Piauí, além de enriquecer o acervo histórico da UFPI.

Você tem a garantia de acesso aos dados, em qualquer etapa do estudo, além de acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. Caso você concorde em participar do estudo, seu nome e identidade serão mantidos em sigilo. A menos que requerido por lei ou por sua solicitação, somente o pesquisador, a equipe do estudo, o Comitê de Ética independente terão acesso para verificar as informações do estudo.

Vale ressaltar que fica resguardado o seu direito de retirar o consentimento em qualquer tempo do estudo, o que não lhe trará nenhum prejuízo.

Consentimento da participação da pessoa como sujeito

Eu, _____,
 RG: _____ CPF: _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo, como sujeito. Fui suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo “Perfil de egressos do curso de graduação em enfermagem da Universidade Federal do Piauí”. Eu discuti com a Sayonnara Ferreira Maia sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo.

Local e data _____

Nome e Assinatura do sujeito ou responsável:

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar

Testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome: _____ RG: _____

Assinatura: _____

Nome: _____ RG: _____

Assinatura: _____

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito de pesquisa ou representante legal para a participação neste estudo.

Teresina, ____ de _____ de _____



Assinatura do pesquisador responsável

Observações complementares:

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato: Comitê de Ética em Pesquisa – UFPI - Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Bairro Ininga Centro de Convivência L09 e 10 - CEP: 64.049-550 - Teresina – PI tel.: (86) 3215-5734 - email: cep.ufpi@ufpi.br web: www.ufpi.br/cep

ANEXOS

ANEXO A – QUESTIONÁRIO

Nº: _____ NOME: (opcional) _____

OBS: NAS QUESTÕES DE RESPOSTA ABERTA, UTILIZE O VERSO SE PRECISAR.

PARTE I – INFORMAÇÕES SÓCIODEMOGRÁFICAS E ECONÔMICAS

1. Sexo	1 () masculino 2 () feminino
1 Idade	_____ anos
2 Situação conjugal	1 () solteiro(a) /viúvo(a) / separado(a) /divorciado(a) 2 () casado(a) / união estável
3 Possui filhos?	1 () sim 2 () não
4 Qual sua renda mensal individual atual?	R\$: _____
5 Em qual cidade você mora atualmente?	_____

PARTE II – FORMAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL

6 Em que ano concluiu a graduação em Enfermagem?	1 () 2009 2 () 2010 3 () 2011
7 Na graduação, participou de atividades complementares (extracurriculares)? Caso sim especifique ao lado a atividade.	1 () Estágio extracurricular 2 () Disciplina extracurricular 3 () Projetos de pesquisa/Programa de iniciação científica (PIBIC) 4 () Monitoria 5 () Participação em grupo de pesquisa 6 () Participação em projeto/course de extensão 7 () Outras atividades extracurriculares. Quais? _____ _____ _____ 8 () Não participei de atividades extracurriculares
8 Fez curso de pós-graduação ou está fazendo?	1 () sim 2 () não
9 Se fez ou está fazendo pós-graduação, especifique.	1 () especialização (min 360h) concluída 2 () especialização em andamento 3 () mestrado concluído 4 () mestrado em andamento 5 () doutorado concluído

	6 () doutorado em andamento 7 () residência em andamento 8 () residência concluída
10 Realizou curso de aprimoramento ou aperfeiçoamento após a graduação?	1 () sim 2 () não
11 Participou de eventos científicos após a graduação?	1 () sim 2 () não
12 Se participou de evento científico, o último foi há quanto tempo?	_____
13 Realizou algum trabalho científico após a graduação?	1 () sim. Quantos? _____ 2 () não
14 Se realizou trabalho científico após a graduação, divulgou algum?	1 () sim, em Evento Científico. 2 () sim, em publicação periódica 3 () sim, submetido em periódico, aguardando parecer 4 () não
15 Atualmente está cursando alguma outra graduação?	1 () sim. Qual? _____ Por que? _____ _____ _____ _____ 2 () não

PARTE III – ATUAÇÃO PROFISSIONAL

16 Está trabalhando como enfermeiro atualmente?	1 () sim 2 () não
17 Atualmente, está desenvolvendo outra atividade profissional fora da enfermagem?	1 () sim. Qual? _____ Por que? _____ _____ _____ _____ 2 () não
18 Você acredita que acertou na escolha da profissão de enfermeiro?	1 () sim 2 () não. Por quê? _____ _____ _____ _____

19 Você se sente realizado profissionalmente atuando como enfermeiro?	1 () sim
	2 () não. Por quê? _____

ATENÇÃO: SE NÃO TRABALHA/TRABALHOU COMO ENFERMEIRO, PULAR PARA A QUESTÃO 28.

20 Especifique, no quadro abaixo, sua atuação como enfermeiro desde a graduação até o emprego atual. Para responder a essa questão, utilize as seguintes áreas de atuação (*): hospitalar; saúde pública; ambulatorial; enfermagem do trabalho; ensino profissionalizante (técnico ou auxiliar de enfermagem); ensino de 3º grau (faculdade ou universidade); outras.

Nº	Área de atuação	Especialidade/setor (se houver)	Cidade	Período de permanência neste local (mês/ano de início a mês/ano término)
1º				
2º				
3º				
4º				
5º				
6º				
7º				
8º				
9º				
10º				

21 Que atividade predomina/predominou na sua atuação como enfermeiro?	1 () assistencial 2 () gerencial 3 () ensino 4 () outra. Qual? _____
22 Se atua/atuou na assistência, utiliza/utilizou o processo de enfermagem/SAE?	1 () sim 2 () não
23 Se utiliza/utilizou o processo de enfermagem/SAE, costuma realizar quais etapas?	1 () histórico de enfermagem/Coleta de dados 2 () diagnóstico de enfermagem 3 () planejamento de enfermagem 4 () implementação de enfermagem 5 () avaliação de enfermagem
24 É associado a alguma entidade de classe? (considerar outras além do COREn)	1 () sim, ABEn 2 () sim, sindicato 3 () sim, associação de especialistas 4 () sim, outras _____ 5 () não

30. O CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM DA UFPI CONTRIBUIU PARA VOCÊ:

COMPETÊNCIAS	CONTRIBUIÇÃO DO CURSO					JUSTIFIQUE (UTILIZE O VERSO SE PRECISAR)
	NENHUMA	POUCA	MÉDIA	GRANDE	MUITO GRANDE	
a) Ter visão crítica da realidade						
b) Ser agente transformador da realidade						
c) Atuar em equipe multiprofissional						
d) Atuar utilizando o processo de enfermagem/SAE						
e) Atuar na gerência do serviço de Enfermagem						
f) Atuar na assistência de enfermagem						
g) Atuar no ensino de enfermagem						
h) Desenvolver pesquisa científica						
i) Atuar na comunidade						
j) Participar de entidades de classe						
k) Investir na sua educação continuada (pós-graduação, cursos, congressos, etc)						
l) Aprender por iniciativa própria						
m) Atuar respeitando princípios éticos e legais da profissão.						

ANEXO B – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PIAUI - UFPI



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: PERFIL DE EGRESSOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUI

Pesquisador: Benévina Maria Vilar Teixeira Nunes

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 08367212.9.0000.5214

Instituição Proponente: Universidade Federal do Piauí - UFPI

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 254.340

Data da Relatoria: 24/04/2013

Apresentação do Projeto:

O projeto de pesquisa apresenta os aspectos éticos e metodológicos de acordo com as diretrizes estabelecidas na resolução 196/96 e complementares do Conselho Nacional de Saúde.

Objetivo da Pesquisa:

Estão muito bem definidos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Delimitados conforme o objeto de estudo.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Estudo sobre os egressos do curso de Enfermagem da UFPI, relacionado às contribuições do curso à atuação destes enfermeiros no mercado de trabalho.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresenta os termos solicitados.

Recomendações:

O projeto é viável à execução.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências.

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portela
Salvador - Bahia CEP: 64.048-550
Município: TERESINA
Telefone: (86) 215-5734 Fax: (86)215-5660 E-mail: cep.ufpi@ufpi.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PIAUÍ - UFPI



Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

TERESINA, 24 de Abril de 2013

Assinador por:
Alcione Corrêa Alves
(Coordenador)